

Maria de Fátima Veloso

«É surpreendente!

© amor que sentimos,

levamo-lo connosco . . . »



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

A vida de Maria de Fátima Veloso decorria naturalmente, motivada pelo amor à dança e ao clube do seu coração, o Sport Lisboa e Benfica.

Uma tarde, recebeu a triste notícia que uma das suas ex-alunas estava gravemente doente. A partir desse dia, a sua vida mudou completamente. Os seus objectivos, as suas crenças e todo o projecto de vida que tinha estruturado até então, estremeceram de tal forma que resultaram neste livro. À medida que fenómenos estranhos foram se manifestando no seu quotidiano, tudo foi questionado: O profundo mistério que envolve a vida e a morte; o sentido da vida; os fundamentos sobre os quais as sociedades actuais assentam os seus pilares e as suas esperanças; o sistema de crenças religiosas.

Existirá Deus? É apenas uma ilusão que dá ao homem a segurança de que somos amados e que nunca estaremos sós? Morremos efectivamente? Talvez os espíritos existam, mas por falta de sensibilidade nossa, eles não consigam contactar connosco como nós desejaríamos.

Este livro não só é um relato fiel de alguns acontecimentos, como pretende dar aos leitores que perderam entes queridos, algum conforto espiritual e alguma esperança. A sua venda reverteria na totalidade a favor de crianças carenciadas e com graves problemas de saúde.



Maria de Fátima Veloso

nasceu em Lisboa a 13 de Maio de 1974.

Quis ter seguido a missão religiosa, mas o destino trocou-lhe as voltas. Estudou Contabilidade e Gestão e trabalhou no Hospital Júlio de Matos e no Hospital Santa Maria, em Lisboa. Licenciada pela Faculdade de Motricidade Humana na área da dança, é bailarina, professora e coreógrafa, com carteira profissional desde 1992. Esteve ligada ao Sport Lisboa e Benfica durante 21 anos. Fez trabalhos para o Futebol Clube do Porto, Sporting Clube de Portugal e Seleção Nacional de Futebol. Trabalhou em televisão. Foi responsável pela implantação das cheerleaders no futebol português. Foi professora nalguns dos mais prestigiados colégios e externatos de Lisboa e no ensino público que abandonou para formar a LX Dance – Escola de Dança e Bailado de Lisboa, onde é directora, professora e bailarina.

E-mail:

mfveloso.livro@hotmail.com

Maria de Fátima Veloso E-mail:
mfveloso.livro@hotmail.com
Lisboa, Portugal
Fevereiro de 2012
IGAC - N° de registo: 4771/2011
Design by : Tânia Azevedo –
www.suvisual.com –
www.artfeelsart.com
www.transicaoplanetaria.com

A divulgação deste livro é totalmente gratuita por isso, é expressamente proibida a sua venda

ÍNDICE

PRÓLOGO.....	6
ACIMA DE TUDO, O AMOR.....	10
I PARTE.....	13
DEPOIS DO ESPECTÁCULO.....	69
UM ANO APÓS A SUA PARTIDA.....	88
II PARTE.....	135
III PARTE.....	142
IV PARTE.....	147
AGRADECIMENTOS.....	172
BIBLIOGRAFIA.....	176

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

PRÓLOGO

Podemos ter origens diferentes, não ser da mesma raça e até falar línguas diferentes. Podemos ser oriundos de nacionalidades diferentes e ter idades, valores e temperamentos diferentes. Podemos não ser do mesmo sexo, mas por muitas diferenças que tenhamos, existem três coisas que nos unem mais do que todas essas que nos separam: vivemos no mesmo universo, no mesmo planeta e somos filhos do mesmo Deus independentemente da crença e do profeta escolhido, por cada um. Na essência, funcionamos mais como o uno do que como seres individuais. Funcionamos mais como seres eternos, do que como seres finitos. Este livro pode ajudar a fazer a diferença na forma como observam a vossa vida e tudo o que a rodeia.

Quando o escrevi foi para ser publicado, e com isso, ajudar centenas de crianças doentes e pobres em todo o mundo, mas também dar algum consolo a todos aqueles que perderam entes queridos ou simplesmente receiam a morte.

Enviei-o a várias editoras em Portugal e algumas delas, responderam-me em menos de vinte e quatro horas. Estavam interessadas em publicá-lo mas se fossem divulgados os nomes das

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

muitas figuras públicas que este menciona. Como o objectivo do livro não é o sensacionalismo, recusei de imediato. Continuei a procura, até ao dia em que uma editora aceitou publicá-lo, com o apoio de um canal de televisão. Foram desde logo esclarecidos que eu não pretendia divulgar os nomes verdadeiros, ao que estes responderam que não estavam interessados, porque se tratava de uma boa história. As coisas avançaram até ao ponto de me darem um exemplar de um contrato. Ainda entrei em contactos com o IPO do Porto e Lisboa, para que autorizassem os donativos resultantes da parte que me cabia da venda do livro. Infelizmente uns tempos depois a editora voltou atrás e disse que afinal queria alguns nomes e sem cancelar o acordo verbal, continuou a alimentar que o ia publicar. Avisou-me inclusive, que teria de ir a vários programas de televisão para promover o livro. Dia doze de Janeiro de dois mil e doze, recebi a confirmação do cancelamento. O editor explicou-me, que o canal de televisão que ia patrocinar o livro já não estava interessado e que ele também não tinha dinheiro para o fazer por conta própria. Confesso-vos que senti um desânimo e uma tristeza tão grande que deixei de dormir. Dei voltas e mais voltas à minha cabeça e só mais tarde, é que conclui que só havia uma

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

possibilidade: lançar o livro de forma gratuita na internet. Assim, a mensagem vai poder chegar a milhões de pessoas em todo o mundo, desde que dominem a língua portuguesa. Para me ajudar, contactei a minha amiga Tânia que percebe de tudo o que tenha a ver com internet e foi ela que fez a capa e organizou o livro para que todos pudessem ter acesso livremente. Como não sou escritora nem professora de português, é natural que venham a encontrar gralhas e erros do qual desde já, peço desculpa. Relativamente ao dinheiro que não vamos realizar, aqui fica o meu pedido de sensibilização: não fiquem indiferentes à doença e à pobreza. Ajudem se poderem e quando puderem, quanto mais não seja com um abraço. Por fim e em jeito de aviso, não pensem que vão encontrar respostas neste livro, pois apenas aponto caminhos. Aqui está o meu percurso. O vosso é com cada um de vós. Coragem!

Maria de Fátima Veloso

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

*Este livro é dedicado
aos pais, irmão e avós da Elizabete,
a todos aqueles que viram partir alguém querido, mas,
sobretudo,
aos pais que perderam filhos*

Com todo o meu amor

Maria de Fátima Veloso

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

ACIMA DE TUDO, O AMOR

*Ainda que eu falasse línguas,
As dos homens e dos anjos,
Se não tivesse amor,
Seria como sino ruidoso
Ou como címbalo estridente.*

*Ainda que eu tivesse o dom da profecia,
O conhecimento de todos os mistérios
E de todas as ciências;
Ainda que tivesse tido fé,
A ponto de transportar montanhas,
Se não tivesse amor,
Nada seria.*

*Ainda que eu distribuísse
Todos os meus bens aos famintos,
Ainda que eu entregasse
O meu corpo às chamas,
Se não tivesse amor,
Nada disso me adiantaria.*

*O amor é paciente,
O amor é prestativo;
Não é invejoso, não se ostenta,
Não se incha de orgulho.*

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

*Nada faz de inconveniente,
Não procura o seu próprio interesse
Não se irrita, não guarda rancor.*

*Não se alegra com a injustiça,
Mas regozija-se com a verdade.*

*Tudo desculpa, tudo crê,
Tudo espera, tudo suporta.*

O amor jamais passará.

I CORÍNTIOS: 13

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

«O que pretendo alcançar, o que na verdade venho tentando ansiosamente nos últimos trinta anos, é a auto-realização, encontrar-me frente a frente com Deus, atingir a Libertação e a salvação. A minha vida e o meu ser caminham em função deste objectivo. Tudo o que faço, digo e escrevo, todas as minhas incursões nos vários campos da vida têm esta finalidade. Como sempre acreditei que aquilo que é possível para mim é possível para todos, as minhas experiências não acontecem às escondidas e sim abertamente, o que em nada diminui o seu valor espiritual. Há coisas a nosso respeito que só Deus e nós mesmos sabemos. São factos que não revelamos a ninguém. Os que narrei aqui não são dessa natureza. São acima de tudo vivências de natureza espiritual e também moral, pois a essência da religião é a moralidade.»

Mobandas K. Ganghi

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo connosco...»

A morte não nos rouba os seres amados. Pelo contrário guarda-os e imortaliza-os na nossa recordação. A vida assim, é que no-los rouba muitas vezes e definitivamente.

(Autor desconhecido)

I PARTE

Um bem-haja a todos quantos têm a oportunidade de pegar e ler este livro.

Vou contar-vos uma história feita de factos verídicos que irei relatar o mais fielmente possível, recorrendo às imagens e sensações que gravei dentro da minha memória. Compreendo que é impossível, narrar o que quer que tenha acontecido sem exageros e algumas falhas mas, para o melhor e para o pior, é isso que vou tentar fazer.

A inspiração para o título deste livro fui encontrá-la no filme “Ghost, Espírito do Amor” e na célebre frase que Patrick Swayze diz a Demi Moore “É surpreendente! O amor que sentimos levamo-lo connosco para sempre”. Após sucessivas tentativas de contacto depois da sua morte, ele consegue finalmente dizer-lhe que não morreu: É essa justamente a grande mensagem deste livro.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Não é objectivo desta narrativa falar da vida de Elizabete, como alguém que nasceu, viveu e morreu prematura e inesperadamente aos doze anos de idade. Nem eu seria a melhor pessoa para fazer a sua biografia. Fui apenas sua professora de ballet e de dança durante três anos, sendo o último, o mais marcante de todos, do ponto de vista emocional. É por isso que não tenho material suficiente para falar das coisas maravilhosas que ela viveu e proporcionou a todos aqueles que privaram diariamente com ela. Assim sendo, é meu desejo que esta história, que conta a minha experiência extra-sensorial com Elizabete, alerte todos aqueles que querem e desejam estar despertos para um outro sentido da vida: uma vida que nos é dada pelos nossos progenitores com o aval de Deus ou da natureza, como lhe queiram chamar. Uma vida que se traduz em muitas interrogações, angústias, incertezas e num turbilhão de sentimentos difíceis de gerir, sem nunca sabermos para onde realmente caminhamos.

Um caminho que é sempre vivido na primeira pessoa, assente numa sociedade que está estruturada em conceitos e lógicas que, muitas vezes, passam ao lado das verdadeiras necessidades de quem nela se move.

Creio que serão muito poucos, aqueles que se podem dar por satisfeitos pela forma como a

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

vida se lhes apresenta. Infelizmente, não pertenço a esse pequeno grupo e cada dia que passa, tenho mais dúvidas, sobre tudo aquilo que me rodeia.

Não tenho a intenção, nem a veleidade de estabelecer teorias sobre temas para os quais o homem, desde há muito, procura resposta sem cessar: o sentido da vida, o que está para além do que deixou de existir na forma como a identificamos e que, para o mundo em geral, se traduz no número de bilhete de identidade.

Para onde vai, cada um de nós, depois do adeus? A Bíblia, designada por palavra de Deus para as religiões cristãs, manda-nos estar atentos e alerta, um aviso que pode significar muita coisa. Escrito com recurso a parábolas, metáforas e a alegorias, a fim de servir várias gerações e vários contextos da vida do homem, este livro com quase dois mil anos de existência e dotado de uma extraordinária beleza, não só do ponto de vista religioso como também cultural, filosófico e social, é bastante dúbio em relação ao *post-mortem*¹. Tratando-se dum manual para a escola da vida, os seus textos são, muitas vezes, susceptíveis de várias interpretações. Por isso, o estar alerta pode também significar não sermos dogmáticos, preconceituosos e cegos, ao ponto de não percebermos que há coisas na vida, que

¹ *Post-mortem*: Termo em latim que significa pós-morte
Maria de Fátima Veloso

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

só se manifestam em nós, quando nos tornamos
receptivos às mesmas.

A verdade pode advir de muitas fontes e ter
muitos rostos. Tenho para mim que pode ter
várias origens ou pontos de vista, dependendo
do assunto, bem como de quem a questiona.
Nesse sentido, pode não ter a expressão física
ou uma lógica coerente enquadrada no
movimento sociocultural onde nos inserimos,
mas pode estar apoiada num sentimento ou
numa expressão de fé. E os sentimentos são um
bom exemplo disto, por serem o veículo do
amor.

Senão vejamos; independentemente do tipo de
relação que possamos ter com alguém, como é
que sabemos que o que sentimos pelos outros é
amor? Como é que o amor é capaz de
desencadear sucessivas reacções no ser humano
que afectam radicalmente a sua vida?

Este é o momento em que gostaria de esclarecer
que escrevo sobre experiências que vivenciei e
para as quais não estava desperta. Foi uma
sucessão de acontecimentos que me levou a ter
coragem para escrever este livro e,
consequentemente, sujeitar-me a ser mal
interpretada e julgada.

Podem pensar que existe um grande exagero no
que vos vou contar, ou que tudo é impossível.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Sei que todos nós nos agarramos às certezas da vida, que se nos apresentam de forma concreta e científica, menosprezando outras formas, para além daquelas em que fomos educados. E neste tempo de hipocrisia e cinismo, ainda é mais difícil desafiar a pressão social. Mas tentem imaginar e sentir o que acontece a alguém, a quem tanto amamos, e que foi levado cedo demais. A morte parece ser sempre cedo, quando vem. Esse indagar poderá levar-nos a uma verdade que, não só nos libertará de sentimentos de culpa, como também nos aliviará da tristeza e fará a reconciliação com a vida.

Por último, gostaria de esclarecer que os nomes usados no livro foram alterados por várias razões, entre elas, por uma questão de respeito, já que a maioria das pessoas não tem conhecimento da concepção do livro e também para as proteger.

Para isso recorri a nomes mundialmente conhecidos de forma a facilitar as várias traduções que o livro vai ter. Depois de várias reflexões, decidi colocar aos personagens, os nomes de muitos membros das várias casas reais espalhadas pelo mundo, uma vez que também eles têm por missão, abraçar causas sociais como é o caso deste livro.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Conheci Elizabete no ano de mil novecentos e noventa e nove. Era mais uma aluna da turma de ballet de um colégio privado em Lisboa onde eu leccionava.

Tenho uma vaga ideia desse tempo, por ter sido uma das alturas mais complicadas da minha vida. Sempre que alguma coisa me corre mal em termos pessoais, dou-me mais aos alunos e ao meu trabalho. Não sei se é uma qualidade ou defeito, mas muita gente resolve o seu problema desta mesma forma, atirando-se aos afazeres. Recordo-me particularmente dessa turma, que viria a ser a minha preferida durante os dez anos que trabalhei nessa escola.

Era um prestigiado colégio, mesmo no coração de Lisboa, que acolhia crianças com idades compreendidas entre os quatro meses e os nove, dez anos de idade, até ao quarto ano do primeiro ciclo. A partir daí, cada criança teria de seguir o seu percurso académico numa outra escola.

Recordo-me que a turma da Elizabete era composta por cerca de vinte e cinco alunos. A professora Amália estava na altura, já aposentada do ensino estatal mas ainda sentiu o apelo e teve a coragem de ensinar durante quatro anos aquele grupo de crianças, algumas delas bem rebeldes. Penso que o número de

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

meninas era mais ou menos igual ao número de meninos.

A maior parte das raparigas recebia aulas de ballet e de dança, porque é muito prestigiante para os pais de classe média-alta e alta terem as filhas a aprender ballet, em que trabalham a postura, os gestos, a elegância, a elasticidade, a disciplina, entre outras coisas.

Aquela era uma turma de eleição. As meninas, bonitas, inteligentes, com sentido de humor e amigas revelavam sentimentos muito nobres em relação umas às outras. Recordo-me de haver uma menina, a Beatriz que por dificuldades financeiras, não podia fazer ballet. A criança gostava imenso, mas os pais não podiam despender mais dinheiro, por isso, resolvi aceitá-la à revelia da directora da escola e com a conivência das colegas. O maior problema surgiu, no final do ano lectivo, quando o colégio apresentou uma festa para os familiares e amigos dos alunos no Parque Mayer e a Beatriz ficou de fora, pois nessa altura, não deu para enganar a directora. Oficialmente a aluna não pertencia à classe.

Como professora, vivi muitas emoções, com aquela turma em particular, mas também com muitas outras. Como só era possível ter uma turma, essa minha classe de ballet era constituída por várias crianças com idades

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

compreendidas entre os três e os nove. Por vezes, era difícil lidar com tanta diferença, mas acho que estive sempre à altura das dificuldades e nunca me recordo de ter sido chamada à atenção ou de defraudar a expectativa de crianças e pais.

Apesar da grande diferença de idades no seio do mesmo grupo, apercebia-me com relativa facilidade de um ou outro problema que esporadicamente aparecia numa ou noutra criança. Como medida, mandava chamar os pais ou a pessoa responsável pela sua educação e punha-os ao ocorrente do que se passava. Ao longo desses dez anos, tive contacto com várias situações como divórcios mal resolvidos e problemas emocionais que resultavam em timidez da parte da criança e que se traduzia para muita gente, numa maior fragilidade, em relação às outras.

Recordo-me da uma menina chamada Carlota que era tímida e calada durante quase todo dia mas a quem, na minha aula, com relativa frequência tinha de mandar calar. A professora, que passava a maior parte do tempo com ela, nem queria acreditar que a menina falava pelos “cotovelos”.

Certo dia, fui abordada pela mãe da Carlota, na altura um pouco descontente com a escola, disse-me que não percebia por que é que toda

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

gente afirmava que a menina era muito tímida e calada na escola, quando, em casa e no ballet era comunicadora como qualquer outra criança. Foi para mim uma satisfação perceber que havia diferença no modo como me relacionava com as minhas alunas e a forma como elas me viam e se relacionavam comigo.

Houve um outro caso relacionado com duas irmãs, que em duas semanas semana, comecei a notar alguma tristeza e sucessivas chamadas de atenção por parte das meninas, que não eram dadas a este tipo de comportamentos. Na altura, mandei chamar a mãe e foi então, que as meninas me disseram que esta se encontrava doente no hospital. O pai que agora se ocupava da tarefa de as vir buscar, ficou confuso com a minha chamada de atenção.

- É natural, Fátima, a mãe das minhas filhas está muito doente e tem estado internada, nestes últimos dias – disse-me o pai, um prestigiado médico de oncologia, que se via agora num papel ingrato, com a falta de saúde da sua esposa e por motivos que bem conhecia. Felizmente, ela ficou boa e as crianças voltaram a sorrir e ganharam confiança até aos dias de hoje.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

O facto de ser professora num grande clube como é o Sport Lisboa e Benfica, criava nas crianças do colégio uma necessidade de chamar atenção. Todos os meninos me queriam falar, contar as suas histórias, os seus sonhos, os seus medos. Para muitos deles, eu significava o mesmo que um jogador de futebol do Benfica ou uma figura pública. E essa procura de atenção incluía muitas das crianças que frequentavam esse colégio, independentemente das idades e do sexo.

Para não defraudar as expectativas, retribuía-lhes o carinho e a admiração com pequenos jogos de futebol, que fazia com eles, após as aulas de ballet.

Era muito engraçado: saía da minha aula de ballet de saltos altos para logo a seguir no recreio, os descalçar e jogar futebol com os meninos. Era a única ocasião em que as raparigas gostavam de brincar com os rapazes. Mas isso não era possível, pois aquele era o momento que eles reivindicavam só para eles.

Para quem não sabe, as crianças com idades entre os seis e os dez anos de idade não brincam todas juntas; é neste período de crescimento e é nesta altura que se começam a acentuar as primeiras diferenças entre os dois sexos e, como tal, os meninos não brincam com as meninas e as meninas acham que parece mal entrar nas

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

brincadeiras dos rapazes. Por isso, as suas actividades lúdicas são bastante diferentes e é muito engraçado constatar a diferença entre os dois grupos.

Acredito que a vida de cada pessoa e de cada profissional daria um bom livro. A minha não é excepção. Acho que nunca, o papel dum professor foi tão importante para a formação dum indivíduo, como nos dias de hoje. As famílias estão cada vez menos presentes na educação dos seus filhos e cabe ao professor não só ensinar, como educar e até amar os filhos dos outros. Madre Teresa disse um dia: «O problema do mundo é que desenhamos o círculo da nossa família demasiado pequeno.» Eu tento, todos os dias, contrariar essa realidade. Embora a minha área de estudo motive o aluno de forma diferente em relação às disciplinas mais convencionais como sejam a Matemática, as Ciências e outras, a verdade é que só vai estudar ballet ou dança quem o quer fazer de livre e espontânea vontade.

Muitas das crianças e jovens que fazem este tipo de aulas, acalentam o sonho e a fantasia de se tornarem bailarinas exímias, independentemente de quererem ou não seguir a dança como futuro profissional. Nestes casos, os pais funcionam muitas vezes como molas impulsionadoras da motivação, uma vez que se revêem nos filhos e

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

transferem para estes os seus sonhos não concretizados.

A conotação social atribuída a quem aprende ballet ou dança em criança, adolescente ou jovem, nada tem a ver com a conotação conferida quando se é bailarina profissional, pelo menos em Portugal, onde a profissão não é dignificada nem reconhecida. O que no princípio era chique e necessário para educar e formar a criança, mais tarde passa a ser uma actividade profissional de quem não tem responsabilidades e não faz mais nada na vida, que não seja andar aos pulinhos. Falo com conhecimento de causa. Que visão redutora e preconceituosa que ainda existe no meu país!

Nunca quis ser bailarina. Nunca me passou isso pela cabeça. Queria ser freira, andar por aí a ajudar todos quanto precisassem. A dança veio por acaso. Aos onze anos de idade, uma colega de atletismo disse-me que andava a fazer umas aulas de dança e que a professora era espectacular. Como eu tinha uma boa elasticidade me mexia bem, ela achou que eu iria gostar de experimentar.

Um dia, fui assistir a uma aula. Gostei do que vi e nunca mais parei até hoje. O ballet veio uns anos mais tarde. Depois, entrei para um programa de televisão e quando foi o momento de optar entre dar aulas no Sport Lisboa e

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo connosco...»

Benfica ou seguir a carreira televisiva, nem olhei para trás: optei pelo Sport Lisboa e Benfica, onde já tinha iniciado um percurso e uma relação afectiva.

As coisas foram acontecendo, sem que eu tivesse feito planos. Para dizer a verdade, sempre que faço planos para alguma coisa, à excepção dos espectáculos que organizo, tudo corre ao contrário ou então sai a ferros. Enfim... Talvez seja para meu bem. Quiçá?

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Elizabete foi a melhor aluna que o colégio teve nesses anos. Toda gente elogiava as capacidades da menina. No ballet e na dança não era diferente: era igualmente a melhor, sobretudo pelo rigor e pela disciplina. Entrou no ballet com seis anos a frequentar o primeiro ano do primeiro ciclo. Porém, a ida do pai que é médico para os Estados Unidos, levou a que saísse no ano seguinte. Mais tarde, já adaptada ao papel de pai e mãe, Cristina, a mãe da menina, voltou a inscrevê-la nas minhas aulas.

No último ano de escola, quarto ano do primeiro ciclo, preparei a Carlota e a Elizabete para ingressarem no Conservatório Nacional de Dança em Lisboa. O rendimento da Elisabete era excepcional: bastava explicar uma vez o movimento e ela fazia com a máxima perfeição o que lhe era exigido. Era incrível, tanta maturidade demonstrada numa menina de dez anos. Não era uma criança lamechas que fizesse grandes demonstrações de afecto, embora fosse dócil e generosa. Tinha uma personalidade muito calma, segura e angelical. Sabia quando se devia pronunciar e quando se devia reservar ao silêncio. Percebia em mim o que as outras crianças não alcançavam. E era sempre muito cordial nas suas apreciações com o seu: «Pois é, pois é.»

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Esse «Pois é» tanto podia significar: passa à frente; também concordo; como não acho que seja, mas está bem. Foram muitas as vezes, que trocámos olhares cúmplices.

Um dia dei por mim, a ser convidada pela Elizabete para participar na sua festa de aniversário, com toda a pompa e circunstância. Recordo-me da alegria demonstrada por ela e pelas colegas, quando me viram entrar por aquele parque. Percebi, nessa altura, que ela gostava verdadeiramente de mim e que sentia uma grande admiração que, até aquele momento, nunca havia sido demonstrada. «Tudo no seu tempo», como diz a Bíblia.

Antes do final do quarto ano, a Cristina, mãe da Elizabete, veio dizer-me que, afinal, a menina já não ia fazer a audição para o Conservatório. Fiquei tão desiludida. Pelo menos que fosse à audição! Tenho a certeza que teria entrado. Na altura, a Cristina explicou-me que era muito complicado para ela levar a filha tão cedo para o centro de Lisboa, quando moravam no Parque das Nações. Ainda por cima, com o marido fora, era ela que se tinha de desdobrar para levar e buscar os dois filhos, que passavam a frequentar escolas diferentes. Também não podia delegar essa responsabilidade nos avós, que tinham as suas vidas profissionais.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

No início do quinto ano, a Cristina diz-me que a Elizabete estava a frequentar uma escola perto de casa e que também tinha ido experimentar as aulas de ballet, mas que não se tinha identificado com a professora nem com o seu método pedagógico.

Mais uma vez fui surpreendida: a menina não queria outra professora. Fomos mantendo alguns contactos e até nos chegámos a encontrar algumas vezes.

No sexto ano, voltámos a falar na possibilidade da dança e do ballet, mas a verdade é que eu só dava aulas junto à Segunda Circular e atravessar Lisboa à hora-de-ponta é um quebra-cabeças. Era impossível para aquela mulher fazer, mais um sacrifício que fosse. O avô estava agora mais disponível para ajudar, mas andava com um ligeiro problema de saúde. Logo se veria.

Ainda pensei ser eu a ir buscá-la, mas os meus horários estavam muito apertados e não me permitiam uma pausa nem de meia hora.

No início do sétimo ano, a Elizabete já com doze anos de idade, pediu aos pais, para a matricular em numa escola do ensino público, porque queria experimentar outro tipo de escola. Os pais cederam, até porque ficava próximo de casa e ela já era bastante expedita. O pai já estava de volta a Portugal e a trabalhar

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

como cirurgião cardiovascular num hospital de Lisboa.

Por essa altura, já eu andava a pensar em realizar um espectáculo de Natal. Fora sempre um desejo meu, montar um espectáculo de dança na quadra natalícia. Já o tinha feito no sexagésimo aniversário do Hospital de Santa Maria em Lisboa, para efeitos de avaliação de uma disciplina relativa à minha licenciatura em Dança. Tínhamos de ser capazes de organizar um evento artístico para passarmos na cadeira.

Mas o que eu queria, nesse ano de dois mil e cinco, era fazer um grande espectáculo no Teatro Aberto em Lisboa, o que para mim significava um grande desafio. Quanto mais a ideia do espectáculo se consolidava, mais me lembrava da Elizabete. Desta vez, nada impediria que a menina viesse para as minhas aulas no Benfica. Nem que para isso tivesse que a ir buscar. Não era a primeira vez que o fazia e, de certo, não seria a última.

Os meses de Setembro e Outubro foram de loucos, passaram rapidamente, sem que eu tivesse tido tempo de falar com ela ou com a mãe. Quanto mais o tempo passava, mais me lembrava da miúda e mais necessidade tinha de lhe falar. A dada altura, a Elizabete passou a fazer parte dos meus sonhos, quase diariamente.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

O sentimento de estar em falta para com a menina começou a assolar-me e passei a lembrar-me frequentemente dela, várias vezes ao dia durante aquela que viria a ser a sua última semana de vida em consciência.

Sexta-feira, quando cheguei ao colégio, onde a havia conhecido, a minha colega Rania disse que a Elizabete estava muito doente. Segundo constava, a miúda tinha partido um braço, tinha sido operada e a coisa não tinha corrido bem. Achei muito estranha a notícia, até porque ninguém fica mal por ser operada a um braço – pensei eu. Era muita preocupação para um motivo tão pouco importante. Imaginei que seria mais um exagero da parte de quem tivesse ouvido a notícia pela primeira vez.

Resolvi telefonar para o telemóvel da menina, mas este tocou e ninguém atendeu. Foi para a caixa de mensagem e eu decidi deixar a minha mensagem.

- Olá, Elizabete, fala a Fátima, a tua professora de ballet. Estou a ligar-te porque aqui no colégio, deram-me a notícia, de que estavas doente e que tinhas sido operada. Gostava de falar contigo, até porque já não falamos há muito tempo. Estou a preparar um espectáculo de dança que será em Dezembro ou em Janeiro e gostava que participasses. Bom, agora com o braço avariado não sei como será mas, se for

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

preciso, podes dançar com gesso. Tudo se resolve. O importante é estares presente. Deste ano não passa, nem que para isso eu tenha de te ir buscar. Temos de combinar com a mãe.

Também te quero dizer que já comprei uma casa em Lisboa, ali na zona de Benfica. Agora estou mais perto de ti. Quando estiveres melhor, vamos combinar para vires conhecê-la e até passares cá um dia ou um fim-de-semana. Vais adorar. Tenho muitas saudades tuas. Acreditas que esta semana não me tens saído do pensamento? Até parece que já estava a adivinhar. Agora vou ligar para a tua mãe, só para ficar mais descansada. Gosto muito de ti. As melhoras e um grande beijinho.

Assim que acabei a mensagem, liguei de imediato para a Cristina que me atendeu:

- Estou – disse.

- Olá, Cristina fala a Fátima do ballet. Como estás? A professora Rania, aqui da escola, disse-me há pouco, que a Elizabete estava doente e que foi operada ao braço. Acabei agora de ligar para o telemóvel dela, mas ela não atendeu e por isso, resolvi ligar-te só para ficar mais descansada – disse-lhe, enquanto ela, permanecia num silêncio, que não era habitual da sua parte.

- Fátima, a Elizabete está realmente doente mas não é do braço. Antes fosse. Na sexta-feira

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

passada, estava ela numa aula de matemática quando se sentiu mal. Pediu à professora para ir à casa de banho e nunca mais apareceu. Uma colega foi dar com ela desmaiada na casa de banho. Levaram-na de imediato para o hospital e o Carlos, o pai da Elizabete, foi lá ter com ela. Mais tarde, fizeram-lhe exames e detectaram-lhe uma massa gelatinosa no coração. Depois disso, foi sujeita a uma intervenção cirúrgica, mas ainda não acordou do coma profundo. Este é um problema que, detectado a tempo, permite que a criança tenha uma vida quase normal, após uma operação. No caso da minha filha, a situação é muito grave. Na opinião dos médicos só um milagre a pode salvar. O meu marido está também a acompanhar o caso de perto e tem falado com os colegas. Ele já não acredita que ela se salve – concluiu numa profunda angústia. Ao mesmo tempo que a Cristina ia contando o sucedido, tive a impressão de ter sido atirada para uma sala muito escura, onde não havia chão, nem paredes nem tecto. Só uma imensa escuridão. Aquilo não podia ser verdade, não fazia sentido nenhum. As coisas não podem acontecer assim – pensava – a Elizabete era uma menina perfeita. Nem me lembro de a ver constipada! Nem óculos usava. Não era possível, no meu entendimento, estar a ouvir

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

aquela mãe delicada e zelosa, contar-me
tamanha maldade do destino.

- Mas como é que isso foi acontecer? –
perguntei estupefacta e ainda incrédula.

- Não sei, Fátima. Neste último mês, a Elizabete
andava mais cansada. Chegava a casa e deitava-
se no sofá para ver televisão, o que não é muito
do seu hábito. Houve um dia que se sentiu mal
disposta; noutra queixou-se de dores de cabeça
e até teve febre mas depois, ficou tudo bem.
Nós achámos que era só o cansaço do início de
ano lectivo e a consequente adaptação à nova
escola – acrescentou – até porque, o Carlos é
muito cuidadoso com os miúdos e não há muito
tempo que eles fizeram uns exames ao coração e
estava tudo bem. Não sei como isto pode
acontecer! – interpelava-se à medida que me ia
narrando os factos.

Ainda hoje não consigo descrever exactamente
o tipo de sentimento que me foi invadindo à
medida que ouvia aquela mulher descrever a
aflição e agonia porque passava. Foi horrível!
Senti-me esmagada

- Cristina, não desanimes, por favor. Não
mereces que isto te esteja a acontecer, ninguém
merece. Mas tem fé, que Deus não te vai
desamparar. Tem fé. Acredita que para Deus
não há impossíveis. Fala com a Elizabete. Não
deixes de falar com ela, porque tenho a certeza

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

que ela te ouve. Pode não dizer nada, mas ouve-te. Pede a Deus porque Ele vai ouvir-te. Não desanimes por favor – insistia eu –. Vou também pedir a Deus e tenho fé que Ele nos vai ajudar. Dá um beijo à menina e diz-lhe que tenho saudades dela. Diz-lhe que estou à espera que ela fique boa para ir fazer ballet comigo. Preciso dela para o meu próximo espectáculo. Cristina, não desistas, por favor. Se precisares de mim, liga-me. Eu também te vou ligando. Um beijo grande – despedi-me, sem vontade de o fazer.

- Fátima, reza pela minha filha, ela gostava muito de ti – suplicou ela, tentando conter a erupção da dor que a dominava.

- Vou rezar Cristina, tem fé, que vamos conseguir o milagre para ela – disse-lhe tentando animá-la, ao mesmo tempo, que eu mesma me tentava convencer.

- Obrigada por tudo, Fátima. Um Beijo – despediu-se ela e desligou.

Foi como se me tivessem dado uma enorme pancada, sem direito a aviso prévio. Senti algo que nunca antes havia sentido. Precisei de travar o meu pensamento e de ter certeza do que acabava de ouvir. Encontrava-me incrédula. Dei por mim a olhar para o céu e a interpelar Deus no meu pensamento.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

«O que é isto? Porque estás a fazer isto? Como deixas que isto aconteça? A Elizabete é um anjo de menina, aqueles pais são do melhor e Tu fazes isto? O pai dela é médico, sei lá eu quantas vidas aquele homem já deve ter salvado e ajudado a salvar e tu fazes-lhe isto? Ó meu Pai do céu, nem parece Teu. É como se estivesses a pôr à prova a Tua bondade: como se quisesses fazer um milagre para a comunidade médica passar a acreditar em Ti» Pensava eu, à medida que tentava pôr as minhas ideias em ordem.

Tudo aquilo era muito surreal. Nem sabia bem se estava a viver aquele momento. Cheguei mesmo a tentar desligar-me de toda aquela situação, na tentativa de acreditar que Deus iria remediar a situação e que tudo terminaria bem e não passaria dum susto.

Tentei abstrair-me durante o resto do dia, mas sem sucesso. Era como se tivesse uma bomba relógio na minha cabeça, com os segundos a fazerem a contagem decrescente.

Só de noite, quando cheguei a casa, depois de um dia demolidor, é que tomei a consciência real de tudo o quanto tinha processado durante a tarde. Fui direita ao quarto vazio onde faço as minhas orações e ajoelhando-me no chão, frente à imagem de N^a. Sr.^a de Fátima, na esperança que também ela me ouvisse:

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

«O que é isto? A minha Elizabete, não! – Indignei-me, em profundo estado de aflição. Chorei completamente desnorçada, frustrada e com uma forte dor no peito. A dada altura, senti como que um entorpecimento a espalhar-se da cabeça para resto do corpo. Num misto de sentimentos, foram várias as imagens da Elisabete que recordei, muitos dos momentos que passámos juntas nas aulas, no recreio, nos nossos encontros fora do colégio, nos almoços, nos lanches. Enfim, por ali fiquei perdida no tempo, sem que mais nada fizesse sentido. Caída no abismo, a morte pré-anunciada da Elizabete feria-me no mais profundo do meu ser.

– Diz-me meu bom Deus, que posso fazer? – Perguntava sem cessar, no meio de tanto desespero. De repente lembrei-me que tinha umas fotografias dela lá por casa. Levantei-me do chão e fui apressadamente a um álbum, onde as encontrei. Retirei duas e coloquei-as rapidamente junto à imagem de um metro de altura de N^a. Sr.^a de Fátima. Aquela seria a primeira de muitas noites passadas em lágrimas e sofrimento. Tentava perceber como, mas nada fazia sentido. Usava do “meu à vontade” para com Deus e com as entidades lá de cima, esgrimindo a importância da Elizabete continuar viva, mas as operações foram-se sucedendo, coração, cabeça e rins, e ela não reagia.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Uma vez por outra, ligava à Cristina para que ela não desanimasse. Tenho a certeza que se apoiava muitas vezes nas minhas palavras, na minha fé e nas mensagens que lhe ia mandando quase todos os dias via sms. Também ela, tal como eu, sempre achou que Deus a iria ouvir: pois a fé tinha de ser inabalável apesar das lágrimas e da dor.

Enquanto a Elizabete esteve em coma, estranhamente nunca me senti só. Muitas vezes, sentada no chão a falar com Deus ou com a minha consciência, para os mais cépticos, era como se sentisse a voz dela na minha cabeça, querendo dizer-me qualquer coisa. No início, achava que só podia ser coisa da minha mente, um pequeno delírio. A Elizabete estava longe fisicamente e eu já não estava com ela fazia algum tempo. Além disso, não acreditava em certo tipo de coisas, que para mim, não faziam sentido nenhum como a telepatia entre duas pessoas, uma delas em estado de coma. Era de todo impossível!

Cheguei a perguntar à Cristina, se quando ela falava com a filha, esta lhe respondia através do pensamento. Para ser sincera, já não me recordo qual foi a sua resposta. Mas a verdade é que eu sentia essa tentativa de diálogo dela para comigo. No início, as indicações que eu lhe dava, eram para lutar contra a doença e agarrar-

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

se à vida. Mas com o passar dos dias, a sensação de diálogo foi-se intensificando cada vez mais, até que passei a ter quase a certeza que falava com ela. A partir dessa altura, passei a desejar chegar ao fim do dia para poder falar com ela, com mais calma. Era incrível, ao mesmo tempo que chorava só em pensar que ela poderia morrer, sentia simultaneamente, um estado de calma, que nunca vou conseguir explicar, pois a minha cabeça era um tumulto.

Com a falta de reacção aos sucessivos tratamentos a que era sujeita, a dúvida, quanto ao seu restabelecimento físico, foi-se instalando e algo me dizia que ela já não iria sobreviver. No entanto sempre que pensava naquela mãe e naquela família, fazia tudo para afastar aquele mau presságio e por isso, passei a ir todos os dias à igreja de Benfica, onde acendia uma vela por ela.

Foi um mês arrasador. Os meus pensamentos eram sempre os mesmos. Pedia a toda gente que orasse pela vida da Elizabete. Pedia às minhas alunas, aos pais, aos meus amigos, aos jogadores de futebol da equipa principal do Benfica e às respectivas esposas.

A todos era pedido que tentassem demover Deus da ideia de levar Elizabete para junto Dele. Na altura, participava num grupo evangélico de oração que, às terças-feiras, se reunia para

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

orarmos uns pelos outros e pelo mundo. Desse grupo faziam parte muitas mulheres de jogadores de futebol do Benfica, a pastora da igreja e eu. Foi incansável o apoio dessa gente. Houve uma tarde em que a esposa de um jogador me disse, em jeito de consolação:

- Fátima, se for preciso nós vamos lá e oramos junto da menina. O Filipe, meu marido, vai lá com os colegas e com os pastores e tenho a certeza que Deus vai operar o milagre – declarava na sua linguagem brasileira de povo crente.

Se a Elizabete fosse minha filha, teria aceitado a oração, mas em se tratando de uma família tão reputada e de grande formação escolar e cívica como era a sua, com a agravante de eu não conhecer o pai da menina, nada podia fazer nesse sentido. Agradei, mas as orações tinham de ser feitas à distância.

É terrível o desespero que se instala numa pessoa, quando se está na iminência de se perder alguém que tanto se ama. É incompreensível e até mesmo esmagador.

No decorrer do mês que durou o coma induzido da minha menina, fui-me descobrindo e confrontando com sensações que já anteriormente havia sentido e ignorado mas, desta vez, com uma carga emocional e espiritual muito superior. E eu que era completamente

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

descrente em relação a este tipo de coisas! «Isto é de doidos» – pensava.

Recordei-me da história de um homem que conheci no Benfica, tinha eu uns vinte anos. Tenho ideia de lhe ter achado muita graça, pois contava anedotas como nunca ouvira a ninguém. Um dia uma amiga que nos era comum disse-me:

- Este homem é uma pessoa incrível. Há uns anos foi-lhe diagnosticado um cancro no esófago, o médico disse-lhe que só tinha dois meses de vida. Já lá vão quase oito ou nove anos e ele ainda aqui se mantém. Come de tudo, vive como se não tivesse nada e os miúdos do futebol adoram-no.

A verdade é que a partir daquele dia, também eu passei a adorar aquele homem que era um bom exemplo de vida e coragem para todos. Nunca o esquecerei. Ainda tive oportunidade de conviver com ele por mais algum tempo, mas não foi por muito mais. O tempo suficiente para lhe dedicar um espectáculo de dança e o tempo suficiente para que um dia no quarto do hospital IPO de Lisboa, ele pedisse à esposa para que saísse, porque precisava de falar comigo a sós. A esposa saiu e eu fiquei com aquele homem, que estava prestes a sair da jornada da vida. Fixando o seu olhar no meu, pediu-me com toda a lucidez possível:

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

- Ó miúda, pára de rezar por mim, porque eu já não quero viver mais. Enquanto tu não parares, eu não poderei descansar. Obrigado pelo terço e podes ter a certeza que o levarei comigo quando morrer. Cuida-te, porque és muito boa menina – acrescentou.

O que foi aquilo? O que é que ele tinha visto em mim para me dizer aquilo? Qual foi o verdadeiro significado daquelas palavras? Uma coisa era certa, aquele pedido tinha sido uma ordem.

Saí do hospital e desatei a chorar. Quando cheguei à noite, nas minhas orações já não pedi a Deus que o mantivesse vivo. Pedi que o levasse Consigo e lhe desse paz. Na manhã do dia seguinte, o Alberto morreu.

Recordo-me de chegar ao velório com o Guilherme, ex-jogador do Benfica, e com Catarina a sua mulher, e de ver o Alberto dentro da urna. A esposa do falecido, assim que me viu, disse-me logo que lhe tinha posto nas mãos o terço, pois fora o seu último pedido.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Com a Elizabete em estado de coma, fui relembrando pequenas situações, juntando peças aqui e ali, como se estivesse a construir um puzzle. Tinha necessidade de repescar coisas do meu passado que antes tinham sido subestimadas. À medida que me ia lembrando de pequenos episódios, era como se a Elizabete me fosse ajudando a perceber o que se estava a passar comigo. Sempre que duvidada da veracidade das minhas percepções, intuições ou deduções, era a recordação dela que as confirmava. Cheguei a pensar se a Elizabete não estaria num plano, onde lhe era permitido ver aquilo que nós homens, enquanto andamos neste mundo, desejamos tanto saber. O que é que a vida significa? Para onde vamos depois do *post-mortem*?

- Estás mesmo a falar comigo, Elizabete? – questionava-me à medida que procurava que alguém me respondesse do outro lado – Tens de estar, sinto-o. É tudo tão real!

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Os dias sucediam-se e o mês de Novembro foi todo passado em coma induzido. A Cristina dizia que se os médicos desligassem a máquina que prendia a Elizabete à vida, ela morreria. Também não estava a reagir às várias soluções da ciência médica. E os nossos hospitais que têm tão bons médicos...

Sei que houve muitas pessoas que oraram e outras que participaram numa grande manifestação de fé, pelas melhoras da menina. Aquando da visita da imagem peregrina da N. Sra. de Fátima à cidade de Lisboa, milhares de pessoas juntaram-se em oração e adoração à imagem que seguia pelas principais avenidas da capital. No meio de toda aquela gente e de tantos pedidos, ia um muito especial: que a mãe de Jesus salvasse a Elizabete.

Que comoção! Lamentei não ter podido estar presente nessa manifestação de fé mas, estava em vésperas de espectáculo e tinha quase todo o guarda-roupa por fazer. Havia que aproveitar todos os bocadinhos, para me entregar às costuras. Por isso, acabei por assistir a todo o ritual, pela televisão.

A remota esperança que tinha na primeira semana de Dezembro de dois mil e cinco, era uma gota num oceano sem fim. A Elizabete viria a reagir tenuemente a um tratamento induzido pelos clínicos, o que após tantos e

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

tantos dias, acendeu alguma esperança na mãe, que nunca a abandonou, enquanto estive no hospital.

O que se passava com aquela força da natureza, que não reagia e já não lutava por viver?

Quarta-feira, dia sete de Dezembro, cheguei a casa depois dos meus afazeres habituais e trazia em mim, uma ferida que ardia, um nó que não se desatava e uma enorme falta de esperança. Sentei-me em frente à minha imagem de N.^a Sr.^a de Fátima e, mais uma vez, tentei entrar em paz comigo mesma, recorrendo ao silêncio e a uma tentativa de meditação frustrada. As lágrimas saltaram-me dos olhos e escorreram sem cessar pelo rosto até às mãos. O desespero foi tomando conta de mim até que, por fim, cheguei finalmente à grande resignação: a Elizabete já não voltava, estava mesmo de partida.

- Já sei, vais-te embora um dia destes. Está muito próximo, eu sinto-o – falei em voz alta, para que ela soubesse que sentia a sua presença. Não estávamos só: tínhamo-nos uma à outra – é a força do amor em todo o seu esplendor. Como o Big Bang, o amor tem vontade própria e poder ilimitado. Como diz James Van Praag «O ingrediente que torna tudo possível, é o interminável sentimento do amor.» Quando me deitei, tive a sensação que se estendia entre o

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

vazio e o dever cumprido. No dia seguinte, quinta-feira, fui à igreja e tal como nos outros dias, coloquei as duas velas: uma por ela, outra por mim. À noite, no sítio do costume e em plena oração, ouvi um apelo na minha mente:

- Fátima, não ponhas mais nenhuma vela por mim. Eu não quero mais estar naquele hospital nem estar presa a esta vida. Acredita que eu não estou tão mal como me vêem. E estarei muito melhor quando me for embora. Tenho Deus do meu lado. Por favor, amanhã vai à igreja, põe uma vela por ti, mas não por mim. Obrigada por tudo. Foste uma grande amiga. Gosto muito de ti. Nunca te esquecerei – disse-me num tom de voz, que não era de tristeza nem de dor, mas de dever cumprido.

Nessa noite, perante a imagem de N^a Sr.^a de Fátima, já não chorei e foi a primeira vez que, ao fim de tantos dias, pude sentir alívio. Estranhamente sentia-me em paz, não só de espírito, mas também fisicamente.

Sexta-feira, dia nove de Dezembro, estava um dia de céu limpo e até bastante agradável para a altura do ano. Levantei-me e arranjei-me o mais rapidamente possível para ir direitinha à igreja de Benfica. Por incrível que possa parecer, não tive a tentação de pôr a vela pela Elizabete. Pus por mim e fiquei em silêncio interior: acho que não me passou nada pela cabeça, apenas fui

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

tomada por uma paz interior, como se uma brisa suave passasse sobre mim. Sentia-me observada e como se estivesse a ser posta à prova. Tinha que superar a tentação e passar o enorme desafio que me havia sido pedido na noite anterior. Nessa mesma tarde, fui dar aulas ao colégio onde Elizabete fora minha aluna.

Eram dezassete horas, a minha aula já tinha terminado, quando apareceu à porta da minha sala de aula a mesma professora que antes me havia dado a notícia de que a Elizabete estava doente:

- Já sabes, Fátima, perguntou a Rania, a Elizabete morreu esta manhã – disse-me, cabisbaixa.

Aquela notícia arrumava qualquer coisa dentro de mim.

- A que horas? – perguntei-lhe, conformada.

- Acho que por volta das onze – respondeu

«A hora a que estive na igreja» pensei.

- Já sabes quando é o funeral? – voltei a perguntar.

- É amanhã, na Capela dos Capuchinhos, perto do café Califa, em Benfica. A missa de corpo presente é às quinze e trinta e o enterro às dezasseis horas.

As lágrimas tinham-se secado de vez, como um pano molhado que tivesse sido espremido. A

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

partir daquele dia, nunca mais chorei, nem no seu velório, nem meses depois.

Nessa mesma noite, a apatia e a exaustão tomaram conta de mim.

No dia seguinte, vesti uma saia de veludo preta que me ficava pelos joelhos, uma camisola de gola alta, um collant preto, uns sapatos de veludo e um blusão preto cintado. Com o cabelo amarrado em rabo-de-cavalo, lá me dirigi até ao velório da minha princesa e companheira destes últimos dias. Na altura não me apercebi da coincidência. Só um ano depois é que relatei a proximidade da capela onde a Elizabete foi velada, com a distância a que ficava da minha: um quilómetro. Não havia razão aparente para ela ser velada naquela capela. Os pais e os avós não pertenciam aquela área de residência e ainda por cima, a menina ia para o cemitério do Restelo, o que fazia menos sentido ainda.

Meses mais tarde, perguntei à Diana, avó materna da Elizabete, com quem confidenciava as experiências que me vinham acontecendo e que para mim, se tornavam cada vez mais difíceis de compreender e explicar, porque é que a Elizabete tinha para a capela dos Capuchinhos em Benfica.

- Ó filha, na altura foi um amigo nosso que tratou do assunto. Nós estávamos todos muito

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

abalados e não tivemos condições para nada – respondeu-me.

- Sabe que aquela capela fica a um quilómetro de distância da minha casa? – perguntei-lhe. – Ainda é mais próxima do que a igreja de Benfica. Sabe, Diana, quando deixei a mensagem no telemóvel da Elizabete, sem saber ainda o que se passava, contei-lhe que tinha comprado uma casa em Benfica e que fazia questão que ela fosse lá passar um dia ou um fim-de-semana – contei-lhe. Nós falávamos, muitas vezes, que quando eu comprasse uma casa, ela iria lá passar uns dias comigo. A proximidade da minha casa em relação à capela escolhida para o seu velório faz-me muita confusão, mas não acredito em coincidência.

- Quem sabe filhinha? - respondeu-me pensativa pelo novo facto, como se fizesse algum sentido.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Recordo o dia do funeral da Elizabete, com pesar mas sobretudo, como muito insólito.

Deixei o meu carro numa estrada paralela ao café Califa, e perguntei a uma senhora qual era o melhor caminho para a capela

- É já aqui à frente, vira na segunda à direita. –
Respondeu-me

Assim que virei a esquina, vi, a meio da rua, um mar de gente, junto às portas da capela.

O recinto religioso, situado nas arcadas dum prédio de habitação, tinha duas portas: uma para a igreja e outra para a casa mortuária. Quando lá cheguei, fiquei por ali, na tentativa de encontrar alguém conhecido ou, até mesmo, familiares da menina. Acabei por encontrar as minhas colegas do colégio.

A sensação que senti, enquanto estive no seu velório, foi como se estivesse no velório de alguém que não conhecesse, mas em que teria de estar por cortesia. A certa altura, recordo-me de ficar indignada comigo própria: devia chorar, lamentar a morte da menina, como as outras pessoas, mas não era capaz e não sabia porquê. A verdade é que à excepção da família mais próxima, as outras pessoas também me pareciam conformadas. Pouco depois de eu ter chegado, abeirou-se de mim uma colega, que me perguntou se já tinha visto a Elizabete.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

-Não, mas gostava de a ver se fosse capaz – respondi-lhe.

Ela prontificou-se a acompanhar-me e entrámos na capela mortuária. Descemos as escadas até ao último patamar, onde encontrámos um quarto repleto de gente e, lá dentro, estava a urna onde jazia a menina. Quando nos aproximámos dela, a minha colega levantou o lenço branco de cetim que cobria o seu rosto.

- É mesmo ela, não é? – perguntou, fitando-a docemente.

Tive a reacção mais estúpida que alguma vez me ocorreu: olhei para aquela criança como se nunca a tivesse visto na minha vida. Não sei precisar quanto tempo foi, mas tive a ideia de estar ali um tempo infinito a tentar descobrir a Elizabete naquele rosto. Por mais que me esforçasse, não conseguia ver nada naquela criança, que me dissesse que aquela era a minha menina. Apeteceu-me gritar bem alto de indignação:

«Mas esta não é a minha Elizabete! Olhem que estão enganados. Ela não está aqui. Aquela não é a sua cara nem o seu corpo. É uma criança linda, mas não é ela. Vejam lá que não é. Não sentem?»

Fiquei chocada com a minha resistência e falta de emoção, pior ainda, com os meus

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

pensamentos. As lágrimas, nem vê-las. Que estranho!

- Estarei a ficar doida? – questionava-me sem cessar, cada vez mais incomodada.

Fui ter de novo com a minha colega que, entretanto, se tinha sentado num banco que ficava próximo do caixão:

- Ana, consegues ver a Elizabete naquele corpo? Eu não consigo – disse-lhe – O que se passa comigo? Parece que nunca vi aquela menina. Que estranho. Quero sair daqui. Isto não me está a dizer nada.

- Estás em estado de choque, Fátima, é natural – tentou tranquilizar-me.

Vimos para a rua e encostei-me a um dos pilares do prédio que pertenciam à capela. De seguida, telefonei para uma das minhas alunas que estavam no Estádio da Luz, à espera que eu chegasse para fazermos mais um ensaio. Precisava mesmo de dar essa aula. Essa turma não pertencia ao Benfica e só tinham os sábados para ensaiar para o espectáculo, que era já no mês de Janeiro seguinte. Era uma turma que fazia parte da comunidade evangélica – a igreja a que, na altura, alguns dos jogadores do Benfica pertenciam.

Ao telemóvel, comecei por a informar que a Elizabete já tinha falecido e que estava no velório dela. O funeral saía às dezasseis, mas

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

depois da missa de corpo presente, eu ia para o Benfica ter com eles. Por isso, iria chegar um pouco mais tarde.

- Sinto muito, Fátima. Não tem problema, nós aguentamos até você chegar – respondeu-me num sotaque brasileiro.

Quando desliguei o telemóvel, ouvi uma voz na minha cabeça:

«Que estás a fazer? Não vês que não estou aqui? Reconheceste-me naquele corpo? Então, não atrases a tua aula, vai-te embora, eu vou contigo – continuou – Esta gente não me diz nada. Grande parte deles, nem os conheço. Além disso, não quero estar aqui, faz-me sofrer ver tudo isto. Vamos embora. Quero conhecer o Benfica, a sala onde eu ia ter aulas. Vamos por favor, Fátima – suplicou».

Meio desconfiada, quanto ao que tinha acabado de ouvir na minha cabeça e sentindo-me empurrada, decidi ir embora, não sem antes, dar um beijo de pesar à mãe dela.

O Pai, não o cheguei a cumprimentar, pois das duas vezes que tentei fazê-lo, estava sempre rodeado por muita gente e isso acabou por me inibir. Lamento. Quanto à Diana, avó materna, já a tinha cumprimentado, na sala onde estava o corpo da menina. Por isso, fui-me embora, sem me despedir de mais ninguém.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Comigo levei o espírito de Elizabete. Foi das sensações mais extraordinárias que já vivi em toda minha vida. Ao mesmo tempo que caminhava, sentia como se ela estivesse a meu lado. Sentia o seu cheiro, a sua respiração e sobretudo, a sua presença. Por outro lado, tive também a impressão de sermos observadas por alguém que estaria a um nível espacial superior. Sempre numa grande estupefacção, perguntava a mim mesma:

«O que é isto? O que me está acontecer? Eu sinto-te Elizabete? Ó meu Deus, não estou maluca? Como é que isto pode acontecer?» – inquietava-me. «Se é assim que queres, então vamos. Vais adorar aquela turma, é muito especial, gente de fé. Vai-te fazer bem.» Finalmente, dei-me por vencida e até já falávamos cordialmente.

Rapidamente cheguei ao estádio, onde todos me aguardavam. Equipámo-nos e entrámos na sala de aula, onde me foram dadas as condolências. Por iniciativa dos meus alunos, fizemos uma roda gigante unidos pelas mãos e por uma fé inabalável, numa oração única em memória da Elizabete.

Mais uma vez, sentia-a, era como se estivesse mesmo ali, a presenciar tudo – que sensação agradável, embora muito estranha para mim.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Quando acabámos, dirigi-me para a
aparelhagem para pôr a música e, então sinto
como se alguém estivesse muito próximo de
mim a observar todos os meus gestos. Alguém
que me via, que me tocava, mas que eu não
consequia ver com os olhos que a natureza me
deu.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Desde o início da humanidade que existe uma grande curiosidade sobre o mistério da vida e da morte, bem como crenças e dúvidas quanto à existência de Deus. A ciência não consegue provar absolutamente nada a esse respeito e também não consegue dar respostas às ânsias da humanidade, que cada vez mais, centraliza a vida noutros projectos mais terrenos e, por isso mais concretos.

Todos os anos, são publicados inúmeros livros e proferidas palestras que abordam esta temática. Mas, como o assunto não é levado a sério pelas muitas entidades competentes que governam o mundo, continuamos muito longe das certezas e transformamos estes temas em tabus místicos e desinteressantes para o senso comum.

Para mim, é um problema que afecta todas as pessoas e por isso, o mundo. Vários quadrantes da sociedade mundial têm, nestes últimos tempos, levantado dúvidas em relação a estas questões de forma tímida. Mas é preciso mais. É preciso olhar o mistério de frente, estudar e acompanhar muitas das experiências que são relatadas. Reequacionar várias hipóteses que podem ir desde a existência ou ausência de Deus, à reencarnação, à morte efectiva, o contacto entre os que estão vivos e aqueles que deixaram de existir e muitos outros assuntos deixados fora de investigação. Há tanto por

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

descobrir neste universo cheio de milhões de galáxias.

Numa sociedade cada vez mais estereotipada e padronizada, que converge rapidamente para o uso de chips e para tudo o que é controlável e espetável, angustia-me a ausência de alguém que nos ensine a lidar com este tipo de questões. Porque é que se pode falar de tudo, mas há preconceito e medo quando se fala em visões ou percepções, designadas, como sendo do domínio da parapsicologia ou da vidência?

Há milhares de pessoas em todo o mundo, que já tiveram experiências extra-sensoriais. Há gente de várias formações, crenças e culturas, que já viveram episódios semelhantes ao que eu vivi com a Elizabete e outros espíritos.

O medo da censura leva grande parte das pessoas a retraírem-se e a não falarem abertamente do assunto, delegando-o ao cuidados de charlatães, gente curiosa e sem escrúpulos, que se governa à custa do sofrimento dos outros.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

A semana decorreu e a presença do espírito da Elizabete na minha casa, passou a ser uma constante.

Os preparativos para o espectáculo continuaram, mas agora a motivação era outra: ia dedicá-lo ao espírito da minha menina.

O espectáculo era constituído por dez coreografias de vários géneros, onde o musical predominava. “Um Excerto do Musical Oklahoma” foi a designação escolhida para o evento, que fez a alegria de todos os presentes. Tratava-se de um espectáculo amador, mas com grande sentido estético e de rigor, para um público que ainda não está habituado à dança, como acontece no meu país.

Uma das coreografias ia ser interpretada por uma menina de quatro anos. Ela adorava os filmes da Barbie e foi na banda sonora dum dos filmes que me lembrei de coreografar a peça de dois minutos que a menina ia executar. A partir do dvd, gravei uma cassete que ia dando para os ensaios. Porém a sua pouca qualidade obrigava-me a ter de comprar mais um cd. O pior de tudo é que não sabia identificar a área clássica e não sabia como a procurar nas lojas.

A produção de um espectáculo de dança sai sempre muito cara e mais complicada se torna, quando não é patrocinado. Financeiramente, o

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Benfica nunca apoiou o que me obrigava a fazer esforços redobrados.

Custava-me comprar o cd da música, donde só eram necessários dois minutos. E logo eu que tenho tanta música clássica, não me lembrava de ter essa!

Uma noite, quando ia a conduzir para casa, depois de terminado mais um dia de ensaios, cismei que assim que chegasse a casa, a primeira coisa que faria, era pôr um cd de música clássica para descomprimir. Até já tinha escolhido o compositor. Assim que fechei a porta de casa, ouvi o meu telemóvel a tocar. Atendi e comecei a falar com a minha amiga Máxima sobre os preparativos para o espectáculo, mas também sobre algumas coisas estranhas que me vinham acontecendo e que eu achava que tinham a ver com a Elizabete. Máxima é uma enfermeira recém-aposentada, que tinha dedicado toda a sua vida a tratar dos outros com o maior zelo que alguma vez vira. Conheci-a no Hospital Júlio de Matos como enfermeira chefe. O seu conhecimento era vasto e estendia-se desde as enfermidades de oncologia às da psiquiatria. Gostava muito de falar com ela sobre todos os assuntos, pois é uma boa ouvinte e é suficientemente sensata para me fazer situar, quando estou mais perdida.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Ao mesmo tempo que falava com ela, ia executando as coisas que tinha para fazer. Até porque já era tarde e ainda não tinha jantado, como sempre. Quando me lembrei de pôr a música, caminhei até ao escritório onde estavam os cd`s e escolhi um aleatoriamente. Pu-lo na aparelhagem e fui passando as músicas para a frente até parar numa faixa qualquer. Como estava mais interessada em relatar à minha amiga Máxima os pequenos episódios que vinham acontecendo e que eu achava serem fruto da Elizabete, nem fazia caso do que estava a fazer. Era como se alguém tivesse o controlo de mim, mas sem que eu desse por isso, cliquei na música número nove do cd não sei porquê e desloquei-me para o quarto onde costumava rezar.

Sempre com o telemóvel ao ouvido, nem queria acreditar no que estava a ouvir: a música do filme da Barbie que eu precisava de comprar (Beethoven, sinfonia nº 6, Pastoral - V allegretto). Não tinha ideia de ter aquela música, pois não me lembro de a ter ouvido alguma vez em casa. Fiquei atónita e estupefacta. Quase histérica, passei a relatar à Máxima o que me acabava de acontecer. Ainda bem que aquela mulher tem uma forma de ver a vida muito diferente da maior parte do cidadão comum. Acho que teria asfixiado se, naquele momento

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

não pudesse confiar aquele facto a alguém. Assim que desliguei a chamada, telefonei de imediato à Diana a contar-lhe o sucedido. Para ela, seria maravilhoso acreditar, mas eu sei que também havia muitas dúvidas. A morte traz mais dúvidas que certezas

Era assim, de uma forma muito simples, natural e casual que o espírito de Elizabete se revelava. O que para muitos seria uma coincidência, para mim não era. A vida não se explica por coincidências, pois valemos e somos mais do que aparentamos.

Depois da sua morte, passei a senti-la de uma forma completamente diferente. Já não falava comigo como nos tempos em que estive em coma. Agora, sentia a sua presença e o contacto físico na minha vida do quotidiano. Às vezes, ouvia uns barulhos em casa, como se mais alguém estivesse presente

«Ou estou a ficar doida e com alucinações, ou então, as pessoas quando morrem fisicamente, deixam cá ficar alguma parte de si» considerei muitas vezes.

Recordo-me de estar a dar uma aula e a fazer uma coreografia com as minhas alunas da classe mais avançada do Benfica, quando esbarrei contra uma sombra. Gritei assustada e inquieta.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo connosco...»

Depois virei-me para trás e perguntei às minhas alunas se tinham visto o que eu vi.

- O quê, Fátima? – perguntaram-me.

- Meu Deus, acabei agora mesmo de ir contra alguma coisa. – expliquei meio assustada. Mas, quando me voltei para ver melhor, a sombra tinha-se esvaído.

- Vocês não viram? Fui contra alguma coisa que não deixou o meu movimento progredir e era uma sombra.

Uma das alunas disse ter reparado que lhe parecera, que eu tinha ido contra alguma coisa, mas que realmente não vira o que era. Foi muito rápido e confuso.

Sem pensar muito mais, deduzi que teria sido mais uma das partidas da Elizabete. Ela estava ali connosco assistir aos ensaios. Sentia-a e a verdade é que, naqueles dias que antecederam o espectáculo, toda gente sentia como que uma presença estranha. Não era mau, pelo contrário. Todas nos sentíamos mais protegidas, até as mais pequeninas o afirmavam, sem terem consciência do que era.

A doença da Elizabete foi um acontecimento que nos marcou a todos, alunos, pais e muitas outras pessoas. Toda gente sabia que eu contava com ela no Benfica e, depois, aconteceu uma coisa daquelas. As pessoas estavam vulneráveis e

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

tristes, embora nunca a tivessem conhecido ou visto.

Acontecera com aquela menina o que poderia ter acontecido a qualquer outra criança.

Dia treze de Janeiro de dois mil e seis, sexta-feira, foi o dia do espectáculo. No Teatro Aberto, em Lisboa, o dia decorreu como qualquer outro dia de espectáculo grande. Estes espectáculos são um verdadeiro stress para mim e uma grande prova de resistência física, emocional, relacional e profissional. Estes dias são sempre terríveis, um verdadeiro teste para mim mesma. Compete-me fazer o trabalho que corresponde a uma equipa de pelo menos quinze pessoas: preparar os camarins para receber os alunos e bailarinos convidados; arranjar as músicas, cenários, som, luzes, vídeos entre outras coisas; fazer o ensaio geral, para que os bailarinos tenham o mínimo de contacto com o palco, onde vão dançar horas depois e acompanhar as pessoas que me são mais próximas e que funcionam como extensões de mim mesma.

Quando não há dinheiro para nada, tudo se torna mais complexo. Por isso, se queria fazer alguma coisa pela dança no meu país e no meu clube, teria de o fazer sozinha e sem qualquer tipo de ajuda. Apenas contava com a boa

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

vontade de alguns pais, que ajudavam nos bastidores.

O dia decorreu sem percalços, graças a Deus.

A coreografia que idealizei para a Elizabete iria ter uma projecção: a fotografia dela. Paguei um dinheirão por um projector de palco que, depois, acabou por não servir, porque os técnicos não se entenderam com o trabalho. Só uns segundos antes de subir o pano, e quando eu já me encontrava em palco para começar a dança de homenagem à menina é que um dos técnicos me veio dizer que a projecção não estava a resultar e que já não se conseguia fazer mais nada.

Fiquei revoltada, tive vontade de explodir e chamar-lhes incompetentes, mas aquela não era a hora certa. O momento que já era delicado por si, complicou-se ainda mais.

«O que será que se passou?» pensava eu enquanto o pano não subia «Estiveram tanto tempo de volta da projecção, saiu tudo bem no ensaio e agora nada».

Pensava na tristeza da avó da Elizabete que sabia que a fotografia da neta ia ser projectada na tela branca e, afinal, não se ia cumprir o que eu havia prometido.

O pano subiu, a música foi lançada mas os meus pés não conseguiam deslocar-se no chão. Parecia que me tinham posto nos pés a cola

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

mais potente que alguma vez se inventara. A música começava a avançar e a minha cabeça era um turbilhão de incertezas:

«O que se está a passar? Não estou a conseguir mexer-me». Quanto mais força fazia para levantar os pés do chão, mais difícil se tornava movê-los. «Meu Deus, ajuda-me. Ajuda-me, Elizabete, por favor» implorei.

Um dos pés saiu pela primeira vez do chão e o outro seguiu-o, como que por arrasto.

A minha cabeça, porém, não conseguia pensar no que estava a fazer. Envolvida numa sensação estranha, a minha energia mais parecia estar a ser sugada pelo chão, o que provocou a imobilização coreográfica nos primeiros segundos. A música tocava e o meu corpo começava a responder numa coreografia fora de si, muito longe do que eu gostaria e poderia ter feito. Uma pergunta ecoava na minha cabeça «Então o que se passa?»

«Eu estou aqui. O que quer que faças, será sempre do meu agrado» tranquilizou-me uma voz que vinha de dentro, mas que mais parecia ressoar em todo o teatro.

Só eu a escuto. Só eu sou capaz de perceber o que se está a passar naquele palco, enquanto o meu corpo expressa a minha dor, no grito mais sonoro de que sou capaz e que sai disfarçado numa dança.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

A verdade é que os três minutos e cinquenta segundos de coreografias, mais pareceram horas de dor e de angústia, em que uma enorme confusão e frustração se misturaram.

«Mais não te posso dar, Elizabete, já que não podes dançar nesta noite, fá-lo-ei por ti, porque bem o mereces».

E aos poucos, a minha mente foi-se centrando mais na música e na expressão corporal. Agora já era eu que dominava a coreografias e não a coreografia a mim.

A música terminou e o meu espírito aquietou-se. As pessoas aplaudiram, depois de um breve silêncio aterrador, após os últimos acordes de Mozart – *Ave Verum Corpus*.

Como sempre, limitei-me a ouvir algumas vezes a música que iria dançar. Isto porque quando estou a preparar um espectáculo, acabo por nunca ter tempo para mim. Assim sendo, opto por fazer primeiro todos os trabalhos de grupo deixando os meus solos, para a improvisação; quando estiver em cima do palco, crio uma coisa que só será dançada daquela forma, uma vez na vida. Da vez seguinte que tiver de interpretar o mesmo trabalho, já será de outra maneira.

Como foi possível que numa sala completamente esgotada, com cerca de seiscentas pessoas, algumas, sentadas nas

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

escadas e com muitas crianças até mesmo bebês de colo, não tivesse havido o mínimo de barulho durante toda a interpretação de Mozart, que é uma melodia demasiado melancólica para o tipo de público presente? Que silêncio angelical! Em que pedacinho do céu se transformou aquele teatro naqueles derradeiros minutos! Um ligeiro sentimento de alívio percorreu o meu espírito. O espectáculo terminaria com muita gente de lágrimas nos olhos. Que bela forma de honrar a vida da minha pequenina!

Da sua família, só a avó materna teve força para estar presente. Era perfeitamente compreensível. No entanto a Cristina não quis deixar de me escrever uma carta.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

13 de Janeiro de 2006

Querida Fátima,

A dor e o desespero invadem-me todos os dias com a imagem fotográfica da Elizabete a morrer.

Fui a única a acompanhar toda a sua despedida e a presenciar a sua morte, talvez ela assim o escolhesse...

Às vezes sinto-a em todo lado e a dizer-me para não ficar triste porque ela está bem... mas para a ouvir e sentir preciso de um grande silêncio!

O silêncio e a solidão são o meu refúgio e o meu luto.

Não tenho força para sorrir, para conversar, para estar.

A minha mãe são os meus olhos, o meu coração, o meu sentir, por isso, o ballet é para ela, para avó que a Elizabete adorava mais que tudo e com quem muitas vezes dizia querer ir morar.

A Fátima tem uma luz imensa. Tenho a certeza que vai encontrar a sua alma irmã.

Não deixe nunca de acreditar na sua magia. Vejo-a sempre a dançar, dançar...

Até sempre

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Cristina

Como a sala havia esgotado e muitas pessoas não tinham podido entrar, foi-me renovado o convite para repetir o espectáculo, quinze dias depois, sexta-feira dia vinte e sete de Janeiro.

O segundo espectáculo chegou, com algumas alterações no programa, mas o essencial estava lá. A coreografia de Mozart voltou a silenciar o teatro, que se rendeu ao rosto inocente de Elizabete, desta vez projectado na grande tela.

Todas as flores que recebi, quer no primeiro, quer no segundo espectáculo, foram para a campa dela. E foram tantas, que até se tornou um pouco complicado de as transportar.

Conheci o cemitério onde a Elizabete repousa, no dia seguinte ao primeiro espectáculo, quando lhe levei as flores que havia recebido na noite anterior. Os avôs maternos conduziram-me no seu carro e foi a Diana que me ajudou a carregá-las.

Chovia tanto nessa manhã que no regresso a casa, quando precisei de abastecer o carro e de ir à bagageira, acabei por bater com a porta da traseira, na minha cara, até fazer sangue. Desse incidente, conservo mais uma cicatriz.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

«Não era preciso isto, Elizabete, porque já não te esquecerei» – brinquei, depois de ter visto “estrelas”.

Foi nessa altura que comecei a ter alguns problemas de saúde; as minhas dores de cabeça intensificaram-se e comecei a ter sintomas de fraqueza física e mental. Depois da apresentação de um espectáculo destes, fico sempre muito fragilizada, pois trata-se de um trabalho muito exaustivo e de grande responsabilidade só para uma pessoa. O pior é que desta vez, sentia que não tinha só a ver com o excesso de trabalho.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

«Pode haver outra maneira de viver, outra coisa que Deus tenha em mente, outra verdade maior, mas, se existe, não a conhecemos. De facto, nem sequer é manifesto que tenhamos de conhecer. É possível que não seja suposto sequer tentarmos conhecê-la, e muito menos conhecer e compreender verdadeiramente Deus. Tentá-lo é presunção e declarar que o conseguimos é blasfémia. Deus é o Conhecedor Desconhecido, o Mobilizador Imóvel, o Grande Invisível. Por isso, não podemos conhecer a verdade que nos é exigido saber para cumprir as condições que nos é exigido cumprir para receber o amor que nos é exigido receber para evitar a condenação que nos esforçamos por evitar para obtermos a vida eterna que tínhamos antes de tudo isto começar.»

Neale Donald Walsch

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

*Quando a morte se precipita sobre o homem a parte mortal
extingue-se;
Mas o princípio imortal retira-se e afasta-se são e salvo*

(Autor desconhecido)

DEPOIS DO ESPECTÁCULO

Depois dos espectáculos e muito devido ao mal-estar físico e grande desgaste não só emocional, mas também profissional, acabei por cair num período de dor, tristeza e resignação.

Recordo de na altura, pensar que com o tempo, as coisas iriam voltar ao normal e que os sinais paranormais relacionados com a Elizabete, acabariam por desaparecer. Era tudo uma questão de dias ou talvez semanas, até se cumprir o luto. Afinal de contas, era uma ex-aluna e a vida iria continuar, pelo menos para mim e para aqueles que não tinham partido com ela. Apesar de ter mil e uma coisa para fazer, havia sempre um pretexto para me lembrar da criança várias vezes ao dia.

Com o passar das semanas, comecei a achar estranho e a questionar-me, porque nunca havia deitado uma lágrima pela morte da menina. Tanto amor, tanto sentimento e nem uma lágrima! Aconteceu, algumas vezes, sentir uma

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

forte vontade de chorar mas, depois resultava em nada.

Recordo-me de estar em casa e ter uma lembrança relacionada com ela, sentir uma forte comoção capaz de estimular as lágrimas mas quando fechava as pálpebras para que saíssem, os olhos secavam instantaneamente, como terra ressequida em tempo das primeiras chuvas. Passado uns dias, voltei a sentir o mesmo, fui até à casa de banho, sentei-me em cima do tampo da sanita e deixei cair a cabeça entre as mãos para poder finalmente chorar à vontade. Numa reacção que não sei explicar, as lágrimas que se preparavam para sair dos olhos, desapareceram. Esvaíram-se

«O que aconteceu ao composto de sódio que se preparava para banhar os meus olhos? Para onde foi? – Não posso chorar? Não devo? Não percebes que estou sufocada e que me vai fazer bem chorar? O que é que se passa?» perguntei já irritada com absurdo da situação, a Elizabete que por ali devia andar.

«Mas eu não quero que chores, não percebes?» soou na minha cabeça, instantes depois.

Aquelas palavras restituíram-me o alento que vinha perdendo nos últimos dias.

«Não posso estar enganada. Apesar de não te ver, sei que alguma parte de ti está aqui comigo» disse para mim mesma.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Tudo isto é demasiadamente complexo e difícil de se crer. Mas alguma explicação existe sem ser a psiquiátrica.

Será possível que alguém que tenha terminado a sua caminhada na terra, possa actuar na minha vida de forma invisível, mas tão real como o vento e o amor que se sente? Às vezes, sinto que sim.

Depois deste episódio, muitos outros semelhantes se sucederam, mas noutras circunstâncias e em todas as vezes, as lágrimas se evaporavam perante a minha estupefacção. Com o tempo, aprendi a rir da situação.

Foram demasiadas vezes, aquelas em que senti como se alguém estivesse por perto e, quando entrava em casa, a sensação agudizava-se. Era como se cada gesto meu estivesse a ser constantemente observado. Às vezes, a tristeza misturava-se com a nostalgia mas, ao mesmo tempo, a graça de poder sentir mais quaisquer coisa que as palavras não mostram e não provam, quando se julga já não haver esperança. Que coisa maravilhosa é a vida! Tanto por se descobrir. Tanto para se apreender.

Se relativamente ao corpo humano, que é concreto e absoluto, muito há por descobrir, imagine-se o que está para lá deste e que não é

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

mensurável nem visível, em toda a sua essência e complexidade?

Também não consegui perceber ainda, porque é que a humanidade continua adormecida, acomodada e acovardada, no sentido de saber mais de si neste projecto que é a vida.

Não percebo porque é que quem manda no mundo, na comunicação social, nas várias instituições que suportam o tecido social e tudo o que lhe é adjacente, não promovem a sensibilização para este assunto que nos interessa a todos: ricos e pobres, pretos e brancos europeus, americanos, asiáticos, africanos, australianos?

Todos estamos de passagem para qualquer lado. Se nada for feito no sentido de apurar alguma verdade, tal qual como vimos ao mundo, assim o abandonamos, na eterna esperança de algo para os crentes e no desengano de tudo, para os ateus.

Haverá outra forma de vida, depois da morte física?

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Abril dois mil e seis, depois de ter feito alguns exames médicos e de ter caminhado vezes sem conta, para o centro de saúde e passado noites no hospital, sentia-me fisicamente exausta e já com poucas forças nas pernas, dezenas de noites mal dormidas e outras tantas sem dormir, vi a minha vida dar a maior volta de sempre.

Tinha decidido passar uns dias em Braga na casa de uns primos, na semana que antecedia a Páscoa, para ver se, com a mudança de ares, as coisas melhoravam. Não levei carro, porque já não tinha condições para conduzir, portanto, fui de autocarro uma vez que lá tinha a minha prima Vitória que me levava para onde fosse preciso. No sábado, antes de vir para Lisboa, decidi ir visitar a minha amiga Matilde que mora em Lisboa, mas passava uns dias na sua casa de férias em Trás-os-Montes. Na companhia da minha prima, lá fomos nós por aqueles montes magníficos, meticulosamente cultivados com as videiras que produzem o afamado Vinho do Porto.

Matilde é uma amiga com setenta e seis anos, muito querida, com a qual gosto particularmente de falar. Foi um dia bem passado, apesar do meu débil estado de saúde.

No dia seguinte, domingo de Páscoa já em Sintra, quando cheguei a casa dos meus pais para o almoço de família, fui bombardeada com

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

a notícia de que tinha um quisto enorme na cabeça.

- Não te preocupes, Fátima, há centenas de pessoas que também têm. Isso não há-de ser grave – atiraram à queima-roupa.

Não percebi a quem queriam enganar: se a mim, se a eles.

Ainda encostada à porta da rua, mas já do lado de dentro da casa, com todos à minha volta, senti como se me tivessem enterrado viva.

Aquilo foi dito a sangue frio, para parecer banal e desdramatizar uma situação que era terrível. Esta deve ter sido a lógica dos meus familiares, que sem terem má intenção, fizeram-no da pior forma possível. Pelo menos, podiam-me ter dado os bons dias, terem-me sentado numa cadeira, contado umas piadas e depois iam ao assunto. Enfim, havia tantas formas de o fazerem. Mas quem é que está preparado para dar uma notícia destas? Ou para receber um veredicto destes? A verdade é quem tem o “menino nas mãos” nunca sabe muito bem como o entregar”, porque não sabe como o outro o vai pegar.

Recordo-me entre tantas coisas, ter pensado que a Elizabete me vinha buscar. Arrebatada pelo medo da morte, senti uma forte dor de cabeça que se espalhou por todo o meu corpo.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

«Que horror! Que pânico! Que dor na alma. Que solidão implacável: é olhar e deixar de ver outra coisa se não a morte. A morte está agora em todo o lado e é o meu futuro» eram estes os meus pensamentos.

Depois do almoço, sei que fui até ao quarto de um dos meus irmãos e, sozinha, pus-me a olhar para o exame do TAC, tentando não chorar, para não alarmar os que estavam em casa.

Não me recordo de mais nada que se tenha passado naquele início de tarde, na casa dos meus pais.

Horas depois, já em Lisboa e sozinha dentro do meu carro, lavada em lágrimas e num eco de exasperação, liguei para a minha amiga Matilde a contar-lhe o que se tinha passado. Essa mulher que anos antes, havia perdido a filha Leonor de trinta e dois anos, vítima de um aneurisma cerebral, enquanto lanchavam em casa, calmamente.

- Sabe Fátima, levei dois anos para aceitar que a minha filha tinha morrido. De um instante para o outro, a minha menina que estava bem, caiu no chão inanimada, sem que eu pudesse fazer nada. Ainda a chamei, mas ela já não me ouviu. Nem sei para que vivo. Isto já não faz sentido nenhum. Os pais não estão preparados para verem os filhos partirem à sua frente. Tenho os meus outros dois filhos, mas sinto uma enorme

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

saudade da minha filha – disse-me um dia, com a voz embargada e num tom mais saudoso que alguma vez ouvira.

Senti no seu silêncio, primeiro e depois na sua voz, que ficara atónita com a notícia. Mais uma vez, fora apanhada de surpresa. E logo na cabeça, sempre a cabeça.

De manhã, tinha-lhe ligado para lhe dar um beijinho e para lhe dizer que me sentia um pouco melhor. Que talvez ainda tocasse órgão naquela tarde, em que se comemorava a ressurreição de Jesus. É incrível, como em instantes, tudo pode mudar na vida de uma pessoa, quer seja para o bem, quer seja para o mal.

As suas palavras e compaixão aliviaram-me o sofrimento. Só mais tarde, é que caí em mim, e percebi que não deveria ter falado com ela. Uma mulher com tantos problemas de saúde e tanto sofrimento, tudo isto só a ia deixar mais triste ainda.

Foi mais uma vez, um tempo muito difícil. A saúde é, definitivamente, o bem mais precioso que cada homem detém. Grande parte das pessoas vive lamentando-se das suas vidas. Muitas vezes, faz um drama de obstáculos ou situações menos boas, em vez de aproveitar para crescer como seres humanos mais dignos. O que não nos derruba torna-nos mais fortes, tem

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

sido um dos meus lemas ao longo da minha vida. Mas quando o problema é saúde e a situação é grave, toda a nossa vulnerabilidade, efemeridade e fraqueza, vem ao de cima.

Por isso, um bem-haja a quem está doente e a quem tem por missão e dever cuidar de quem tanto sofre e precisa.

Na semana seguinte à Páscoa, quando saía do colégio que a Elizabete tinha frequentado, cruzei-me com a mãe das minhas duas alunas que recentemente tinha sido surpreendida com um problema oncológico no peito.

- Como está Madalena? – cumprimentei-a.

- Estou bem, Fátima. E como está? Como foi a sua Páscoa? – retribuiu-me com aquele ar muito generoso que lhe é muito peculiar.

- Olhe, descobri que tenho com um quisto no cérebro e tem sido um pouco difícil – desabafei, com uma vontade enorme de chorar.

- Mas como? Já está a ser tratada? – perguntou-me numa voz de quem sabe o que é ter um problema grave de saúde.

- Não. Ainda não tenho médico e não sei mais nada. Tenho apenas um TAC, um relatório médico sem certezas e agora, terei de marcar uma consulta para ser vista por um neurocirurgião. Vamos ver.

- Mas a Fátima conhece algum médico?

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

- Não. Vou à sorte. Que Deus me ajude, porque isto está a ser muito difícil, como deve calcular. Ela sabia-o melhor que ninguém. Percebia exactamente o que eu estava a sentir: o medo, a dúvida quanto ao futuro, enfim. Tal qual como eu, também havia passado por uma situação dolorosa, mas com final feliz.

- Ó Fátima, vai ver que não é nada de grave. Tenha esperança. Olhe, vou falar com o meu marido que é médico no Hospital de Oncologia de Lisboa para ver se ele conhece alguém que a possa acompanhar. Não se importa, pois não? – disponibilizou-se. – Logo ou amanhã, telefonelhe a dizer alguma coisa.

- Obrigada – despedi-me.

Ainda bem que falei com a Madalena, porque estive cerca de oito meses à espera de uma primeira consulta através do Serviço Nacional de Saúde e dos procedimentos normais, de quem não conhece ninguém num hospital português.

Depois de ter estado uma manhã inteira no Hospital Egas Moniz, em Lisboa, e ter deixado a carta de recomendação de urgência feita pela minha médica de família, nunca mais soube de nada, até à véspera da consulta; oito meses depois. Inqualificável!

Na semana seguinte à conversa que tive com a mãe das minhas duas alunas, fui consultada por

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

um médico neurocirurgião, no Hospital de Santa Maria, que além de ser um dos melhores profissionais no meu país, demonstrou ser uma pessoa muito humana. Serei eternamente grata não só pelo grande alívio que me deu, como também pela disponibilidade demonstrada.

Foi também por aqueles dias que recebi uma das maiores demonstrações de amizade, na minha vida, através da minha amiga Letícia. Incapaz para estar sozinha em casa, a disponibilidade e o afecto desta esposa de um jogador de futebol do Benfica e de toda a sua família, deram-me, muitas vezes, o único conforto que tinha, uma vez que morava longe da minha família. Pernoitei algumas noites na sua casa, onde beneficieei dos seus cuidados e afectos. Infelizmente o marido viria a rescindir com o clube naquele mês e, no último dia de Abril, voltaram para o Brasil. Chorei muito naquela noite de despedida. A amizade e o amor têm um poder único na vida das pessoas. É, de resto, o melhor que levamos da vida.

Felizmente, com a ajuda da medicação e muitas vitaminas à base de produtos naturais, fui estabilizando, ganhando vigor e resistência. Aos poucos, comecei a dormir e fui-me reerguendo. As palavras do meu médico ajudaram bastante. Mas houve alguém maior que duma outra

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

maneira, muito mais sublime e eficaz, me ajudou a recolocar-me no tabuleiro da vida. Bem, não sei se alguém ou se muitos “alguéns”! Mas hoje, acho que estou bem devido a um pequeno milagre concedido por Deus.

A Elizabete continuava a fazer parte do meu dia-a-dia, através do meu pensamento ou da minha imaginação.

A necessidade de perceber o que se passava comigo, em relação à menina, continuava a ser uma preocupação constante. Falei muitas vezes disso, com a avó dela. Explicava-lhe como as coisas aconteciam. As sensações em casa e até mesmo, a intervenção da menina no sentido de me ajudar com a saúde. E sempre a mesma cisma, em não me deixar chorar.

Decorria o mês de Junho e eu andava naquela azáfama de final de curso com o relatório de estágio por entregar, bem como a tese. Aliás, naqueles dias, a minha grande obsessão era terminar o curso para ficar mais liberta e arranjar novos empregos. Quem já passou por isto, sabe bem o que estou a dizer. É um sufoco, sempre acompanhado daquela sensação de falta de tempo e de que podíamos fazer melhor, enfim...

Nesse dia, fui cedo para a faculdade, para ver se conseguia rentabilizar o trabalho. Regressei a casa já no final da manhã onde me esperava a

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

bacia da cozinha cheia de louça suja por lavar, que deixara do dia anterior. Por isso, assim que cheguei, descalcei os sapatos, arrumei-os na dispensa, guardei o saco e os livros no escritório e fui para a cozinha. Coloquei os óculos de sol, que estavam na minha cabeça, na bancada de pedra onde está o microondas e atei o avental à cintura.

No escorredor da loiça lavada, estavam duas taças de sobremesa secas, que optei por retirar e colocar em cima do tampo de vidro do fogão para não se molharem.

Não me lembro exactamente no que estava a pensar na altura, mas recordo-me que não era na Elizabete, nem em nada parecido. Com tanto trabalho, outro tipo de prioridades, se impunham. E a faculdade era, sem dúvida, a maior preocupação do momento.

Só sei que, a dada altura, passava a esponja com detergente da loiça, quando ouvi um barulho do meu lado direito a cerca de cinquenta centímetros de distância, consequência do deslocamento em diagonal que uma das taças fazia em cima do tampo do fogão

«Que é isto, um sismo? A terra mexeu» pensei à medida que a tacinha de vidro se deslocava lentamente. «Talvez o chão esteja torto e eu nunca tenha reparado».

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Com as mãos cheias de sabão, afastei-me da bacia e posicionei-me de frente para o fogão na linha do tampo.

«Bom, também pode ser que o tampo esteja mal fechado, motivando uma inclinação e que tenha resultado num deslocamento de uma das taças» pensei, não valorizando o sucedido. Mas qual não foi o meu espanto, quando ao retomar a lavagem da louça, comecei a ver a outra taça a deslizar com a mesma velocidade, o mesmo sentido e com o mesmo ritmo!

Fiquei incrédula. Os meus olhos nem queriam acreditar no que acabavam de ver, pela segunda vez consecutiva, num curto espaço de tempo. A minha estupefacção não me permitia discernir, rir ou ter medo. Nunca tinha visto nada assim. Já tinha ouvido contar muitas histórias de pessoas, que com o poder da mente, conseguem deslocar objectos. Mas esse não foi o meu desejo e confesso que nunca perdi tempo com esse tipo de coisas, à excepção de quando era criança e via algum programa que falasse desse tipo de capacidades da parte de algumas pessoas.

«Não pode ser, devo estar doida? Como é que isto é possível?» interrogava-me estupefacta.

Tirei as luvas com que lavava a loiça e comecei logo a ponderar todas as hipóteses possíveis.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

O que mais me intrigou foi perceber e testar que os pontinhos brancos, que eu achava que eram mera decoração da tampa do fogão, funcionavam como atrito à loiça, isto é, uma peça de vidro sobre a tampa, muito dificilmente escorregaria, mesmo que estivesse molhada ou se a primeira estivesse inclinada.

Quanto mais analisava as hipóteses, mais dúvida tinha. Um ano depois, resolvi contar o sucedido a um amigo que era engenheiro de profissão e muito ligado às questões da física. Também ele não percebeu como é que foi possível ter acontecido uma coisa daquelas, depois de ter feito várias experiências.

- Não tenho resposta científica para o sucedido – concluiu o meu amigo.

Nessa altura, poucos minutos depois do acontecido, decidi chamar duas vizinhas que subiam as escadas, e com as quais tenho uma relação muito próxima.

O cepticismo de uma delas podia ajudar a esclarecer alguma coisa que me tivesse passado despercebido.

A mais velha, sentada numa cadeira, ficou muito atenta a ouvir o que eu ia contando, tentando de forma lógica visualizar e perceber o enigma. A mais nova de pé, encostada à bancada de pedra e de frente para o fogão, não conseguia imaginar a situação. Ela percebia que eu não estava a

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

fantasiar, e compreendia que eu precisava de perceber o que tinha sucedido mas, por outro lado, não achava forma de acreditar que estava perante um fenómeno paranormal, por ser uma pessoa muito céptica em relação a estes assuntos. Naqueles instantes, gerou-se, um clima muito estranho, de grande dúvida, silêncio e introspecção em que os nossos olhares se cruzavam. Foi então que os meus óculos de sol, que eu havia colocado na bancada de pedra, se fecharam, fazendo um barulho.

- Ouviram? – perguntou-nos assustada a vizinha mais céptica e que estava de pé. – Este barulho veio mesmo por detrás de mim.

Realmente, tanto eu como a senhora que estava sentada na cadeira, ouvimos o barulho, mas não lhe demos importância, porque continuávamos centradas a tentar perceber a dança das taças.

Pedi à senhora que se desviasse e constatei que o barulho que todas tínhamos ouvido tinha sido em resultado dos óculos se fecharem. Como é que os óculos se fecharam sozinhos sem que ninguém os mexesse? Não sei.

No fim, rematei com a seguinte explicação para mim mesma:

- Alguém estava aqui comigo, que eu não vi e decidi brincar. Não obstante e para não me deixar mal vista, decidi dar um arzinho da sua graça aos presentes.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Garanto-vos que o episódio não me tirou o sono. Antes pelo contrário. À medida que fui aceitando os factos como sendo reais e naturais, as coisas começaram a encaixar-se e eu passei a ter mais paz de espírito e a estar mais tranquila.

«Por que é que me acontecem estas coisas e aos outros não?» perguntava-me

Existem centenas de pessoas no mundo que já experienciaram episódios similares a estes. E outras até que já procuraram experiências pontuais como o jogo do copo, em que os espíritos falam com os participantes que estão à volta da mesa.

Por mim, tenho a dizer que nunca procurei nada que estivesse relacionado com o paranormal, mas sei que desde pequena o paranormal se atravessa no meu caminho. Que coisa estranha!

Há quem diga que todos somos “vítimas” de inúmeros episódios provocados pelos espíritos, mas uns sentem e outros não. Tudo tem a ver com a capacidade espiritual e o estado de evolução em que cada pessoa se encontra.

Os sucessivos desabafos e relatos que tinha com a Diana, levaram-me a perceber que deveria procurar ajuda de alguém que percebesse destas matérias ou até ouvir uma outra opinião.

A minha desconfiança em relação a estes temas cuja ciência ainda não conseguiu decifrar, é muito grande. Mas ainda maior, era a minha

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

necessidade de perceber o ponto de vista dos outros em relação ao que me estava a acontecer. Preocupa-me a desmotivação e vergonha geral, relativamente ao aprofundar deste tipo de assuntos, relegando-o para “curiosos”, que muitas vezes sem escrúpulos, deturpam a substância e a moral do tema, com vista a fins lucrativos ou de conveniência. Não admira, por isso, que publicamente as pessoas tenham receio de falar destes e outros temas idênticos, que são muito mais importantes para a razão da vida do homem, que outros constantemente debatidos.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

«Aquele que crê que todas as coisas aparecem por acaso não acredita que Deus exista. Ninguém é tão louco que negue que as coisas da natureza, que operam com um certo tempo e ordem definidos, estejam sujeitas ao governo, ordenação e disposição de algo. Vemos que o sol, a lua e as estrelas, e todas as coisas naturais seguem um curso determinado, que seria impossível se fossem meros produtos do acaso. Assim como é dito no Salmo, é realmente louco aquele que não acredita em Deus. (Sl. 14,13), 1).»

São Tomás de Aquino

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

«É irónico que nós os vivos, tenhamos a mesma capacidade de manter os mortos junto de nós através dos nossos pensamentos, como eles têm de nos manipular através dos seus.»

James Van Praagh

UM ANO APÓS A SUA PARTIDA

Dezembro, para mim, é o mês mais bonito do ano. As ruas iluminadas e o espírito do Natal invade-nos num sentimento mais solidário, apesar dos excessos do comércio, que me irritam profundamente e que por vezes, fazem as pessoas andarem numa correria desenfreada. Não era preciso nada disso, pois trata-se apenas da festa da família. A subversão do sentido do Natal chega a ser chocante.

Nunca, como neste tempo, o simbolismo do Natal esteve tão associado ao marketing e às compras desenfreadas; às trocas de prendas, muitas delas por conveniência; ao subsídio de Natal, que vai salvar o último empréstimo contraído para comprar mais uma *Play Station*, ou até ao número de mortes e acidentes nas estrada que, nesta altura do ano, mais faz lembrar uma guerra civil que um período de paz e amor.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Conta-se que ainda Jesus Cristo não havia nascido e já se comemorava esta data, como sendo a festa da família e celebração pelo sucesso do que a terra dava ao homem em resultados das suas plantações. De resto, os irmãos Testemunhas de Jeová explicam muito bem essa fase bíblica.

Assim sendo, aproveitou-se a data já existente e encaixou-se mais um motivo de celebração: a data comemorativa do nascimento do Filho de Deus, Jesus Cristo. Embora hajam especulações, não se sabe exactamente em que dia nasceu Jesus.

Mesmo assim, adoro o período de Natal e até consigo viver o verdadeiro sentido da quadra. O mês de Dezembro chega e eu mal posso esperar, para montar a árvore de Natal. Que bonito! Até me apetece adormecer a contemplar o brilho daquelas luzinhas, sempre a apagarem e acenderem. É mágico! Acho que, para mim, tem o mesmo fascínio que tem o palco quando danço. É como um sonho de criança tornado realidade.

Nesse ano, tal como nos anteriores, a árvore foi colocada junto ao meu sofá, na sala de estar. A minha casa é um apartamento com cerca de cem metros quadrados com dois quartos, uma sala de estar, a cozinha, uma casa de banho um escritório aproveitado de uma marquise fechada.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Durante todo ano, tenho por hábito sentar-me no meio do sofá mas, quando a árvore de Natal está montada, é junto dela que me sento.

Decorria mais um serão e como na televisão não dava nada que me prendesse a atenção, aproveitei aquela hora antes de me deitar para pôr as minhas leituras em dia.

De resto, é o que mais gosto de fazer quando me é permitido ter tempo.

Não me recordo do livro que tinha em mãos, mas sei que estava completamente submersa na leitura, quando algo me chamou à atenção: um anjinho, que enfeitava a árvore de Natal e que ainda ficava relativamente longe de mim, começou a mexer-se de um lado para o outro, como se alguém tivesse provocado aquela dança.

Incrédula, fixei os meus olhos nele, à espera que parasse de abanar. Mas como nunca mais parava, resolvi agarrá-lo. Petrificada, não conseguia perceber o que tinha motivado aquilo, por isso, comecei a especular e a experienciar várias hipóteses: não me tinha mexido; não tinha folheado o livro, com força suficiente que provocasse vento capaz de tal; não havia janelas abertas; o chão não tinha estremecido. O que é que poderia ter sido? O que foi aquilo? E a energia que estava na sala e que era inconfundível?

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

«Meu Deus, já percebi: Só pode ser!» lancei para o ar com toda a certeza «alguém está aqui e eu não me tinha apercebido. Por isso, logo arranjou maneira de se fazer sentir».

Quando era mais pequena e vivia na casa dos meus pais, tinha por hábito adormecer com as luzes da árvore de Natal ligadas. A porta do meu quarto dava para a sala onde se encontrava o pinheiro. As luzes acesas iluminavam o meu quarto. E assim gostava de estar, até ser vencida pelo sono. Depois a meio da noite, os meus pais vinham apagar as luzes, por segurança.

Quando vim morar sozinha, deixei esse hábito. Os telefonemas dos meus pais intensificavam-se na quadra natalícia, momentos antes de me deitar, para que eu não me esquecesse de desligar as luzes do pinheiro.

- Podem-se incendiar, Fátima: pode haver um curto-circuito e tu nem dás por isso. Estão sempre a avisar na televisão – diziam

Os sucessivos avisos, até se tornavam aborrecidos mas, a verdade, é que nunca cedi à tentação de adormecer com as luzes ligadas. Fico até aguentar no sofá, mas depois vou para a cama e as luzes ficam apagadas.

Uma noite, dormia tranquila no meu quarto, que fica também de frente da sala de estar onde estava a árvore de Natal e senti como se alguém

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

me tivesse chamado para ir até ao fundo da minha cama e olhar a árvore.

Nem quis acreditar, as luzes estavam ligadas!

Levantei-me com medo e dirigi-me até à árvore para as desligar. Mais uma vez incrédula e receosa, não aceitei a desculpa de ter tido uma crise de sonambulismo. Alguém tinha ligado as luzes para depois me despertar.

«Meus Deus! Como é possível?» matutei. «É inacreditável! Que explicação há para isto? És tu Elizabete? Só podes ser! Não sabes que é perigoso ligar as luzes quando se está a dormir e ninguém está a ter conta nelas? Não faças mais isso, assustas-me. Deixa-me dormir. Assim não me ajudas»

No dia seguinte, quanto mais pensava no assunto, mais estranha me sentia.

Não posso estar a inventar tudo isto? Não será pura imaginação? Quem é que me pode explicar o que se está a passar?

Nesse final de ano, combinei com a minha afilhada de casamento, que agora se encontrava divorciada, passar a noite de trinta e um de Dezembro comigo. Nunca fui pessoa de gostar de grandes farras, confusões e aglomerados. Em dias e épocas festivas, nem gosto de sair de casa.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Ela concordou, e acabámos por nos divertir bastante, entre ver televisão e correr para a mesa.

O pior foi durante a noite: como ela ressonava, acabei por não dormir nada. Falta de hábito!

Depois dessa noite, entrei num período de cerca de duas semana, onde mal conseguia dormir. Sentia sempre uma sensação de presença em casa que começou logo na noite de final de ano. Não estava sozinha, mas não consegui ver ninguém.

A minha vizinha tinha-me contado que, um dia, ouvira alguém dizer que não era bom ter em casa fotografias de pessoas que já tivessem falecido. Isso fazia com que ficassem presas às pessoas que as mantivessem nas molduras.

Nessa semana, comecei a pensar que o melhor seria tirar a fotografia da Elizabete da moldura da sala e colocar outra no seu lugar, mas os dias iam-se passando e eu nunca mais a substituía.

No segundo domingo de Janeiro de dois mil e sete, telefonou-me a esposa de um jogador do Benfica que estava de volta a Portugal, depois de ter estado no Brasil, para curar o filho bebé que era alérgico a qualquer coisa que os médicos portugueses não conseguiam descobrir e que afectava o menino. Quanto a mim, acho que era mais cisma dela que outra coisa.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

- Fátima, passa por cá amanhã. Tenho muita saudade de você – pediu-me.

- Ok, Sofia. Amanhã depois de sair do Benfica, passo pela tua casa. Mas olha que chego tarde, só lá para as vinte e duas horas – acrescentei.

- Não tem problemas, nós esperamos-te.

Segunda-feira, já bem de noite, bati à porta da minha amiga, com quem não falava há meses. Entrei na casa dela e descalcei-me: um hábito que ganhei, desde que vivo na minha casa. Como não deixo ninguém entrar de sapatos, também não entro calçada na casa dos outros.

Fui até à sala que ficava do lado esquerdo da porta da entrada, onde estava o bebé que se encontrava sentado no chão. Com dez meses de idade, já se sentava sozinho.

Quando me sentei junto dele, a minha amiga Sofia, olhou para mim muito séria e disse-me:

- Fátima, você não veio sozinha.

Sem perceber a observação, olhei para ela, talvez com a expressão mais parva que alguma vez fizera.

Observei ao meu redor e não vi ninguém.

- Não percebi o que disseste. Não trago ninguém comigo – respondi-lhe.

- Não, Fátima, você traz sim. Eu estou vendo. É uma criança e ela está mesmo ali por detrás do carrinho do meu filho. Olha para lá. Talvez você não consiga ver, mas eu estou vendo.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Mais incrédula que nunca, e de olhos bem abertos, examinei toda a sala e, em especial, o lugar onde estava o carrinho de bebê.

- Não estou a ver ninguém, Sofia. Como é que é essa criança? – perguntei-lhe

Fez um gesto com a mão, indicando a altura, à medida que se ia explicando:

- Olha é mais ou menos deste tamanho. Deve ter uns onze, doze anos. Tem cabelos escuros que lhe dão pelos ombros. Mas não dá para ver mais, porque se escondeu de você.

Para mim era muito clara aquela observação. A Sofia tinha o dom da visão. Nunca me tinha passado pela cabeça que alguém que eu conhecesse pudesse ter. Ela nunca tinha visto nenhuma fotografia da Elizabete e sabia apenas o essencial: que a minha aluna era criança e tinha morrido de uma doença grave.

- Sofia será a Elizabete? – perguntei. – Lembra-te daquela minha aluna que morreu, fez o mês passado um ano?

- Lembro sim – disse.

-Desde a noite da passagem de ano, que tenho dormido mal. À noite, quando me deito, é como se sentisse a presença de alguém junto a mim, só que não consigo ver. Chega a ser aflitivo. Não te sei explicar, mas fico contente e até aliviada por haver alguém que consegue ver o que eu sinto e não vejo. Tenho lá em casa uma fotografia da

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

miúda mas, desde o início do ano, que tenho pensado em tirá-la, mas depois nunca o faço, – continuei. – Hoje, tive um sonho muito estranho; foi como se alguém utilizasse o meu sonho para me pedir que a tirasse da estante, pelo menos por uns tempos. O sonho foi muito explícito e pediam-me que o fizesse hoje mesmo, para bem das duas. Mas, de manhã, sai a correr e mais uma vez não deu.

- Pois é, Fátima, é a Elizabete que não te está dando descanso. Ela ama tanto você, que não percebeu que te está prejudicando. Talvez você seja a única porta que ela tem para comunicar com o mundo dos vivos. Ela não quer subir e quer ficar sempre junto de você, mas isso não pode ser – explicou-me.

Fiquei perplexa com tanta informação. O que mais me impressionou, é que a Sofia estava muito segura do que falava. Ela sabia exactamente como lidar com este tipo de situação. Isso, de alguma forma, aliviou-me bastante.

- Fátima, quando você chegar em casa, vai direitinha à fotografia da Elisabete e guarda lá num álbum – pediu-me. E agora, vou falar para a menina Elizabete que é muito espertinha e sabe que não vale se esconder. Elizabete, eu sei que você está me ouvindo, por isso eu vou falar para você. Eu sei que você ama a Fátima e ela

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

também te ama, mas você assim não está ajudando ela. Você precisa de subir, precisa de ir para Jesus. A Fátima nunca te vai esquecer. Um dia, ela irá ter com você e aí, vocês poderão estar sempre juntas. Não tenha medo. Você é uma linda menina, é um anjo, e estará sempre acompanhada pelo Papai do céu. Agora vai e segue o seu caminho. Nós te amamos.

Não sei explicar o que se sente, nem tão pouco o que se pensa, ao ser-se testemunha duma coisa destas. Esta mulher era espírita, como me explicou mais tarde, nessa mesma noite. É uma pessoa bem formada que estudou fisioterapia no Brasil, com várias especializações. Também chegou a trabalhar em televisão e foi aí, que o seu marido, jogador de futebol de um clube brasileiro, se apaixonou por ela antes de vir para o Benfica.

Ela contou-me que o marido fez mil e uma coisa para chegar até ela e acabaram por casar. Uma bela história digna de registo. Isso é que é ser persistente! São um casal maravilhoso. Gente muito boa e honesta. Não fazia sentido, a Sofia inventar tudo aquilo. O que é que ela ganhava com isso? Além disso, era entre todas do grupo, aquela que menos sabia da Elizabete. Com a doença do filho, ela estava sempre fora e eu também nunca mais comentei nada sobre a menina, após a sua morte.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Nessa mesma noite, quando cheguei a casa,
substitui a fotografia por outra, minha. A partir
dessa noite, passei a dormir tranquila.
Coincidência!?

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Uns tempos depois, voltei a estar com a Diana, e contei-lhe o que se tinha passado. Ela, que já anteriormente me havia aconselhado a ouvir outras opiniões, teve a iniciativa de falar com outras pessoas, mais familiarizadas com este tipo de temas e marcar-me duas consultas com pessoas distintas.

Na primeira consulta, para além de não ter gostado, não senti confiança na capacidade da senhora para me ajudar a resolver as minhas inquietações. Fiquei com a sensação de que percebia menos que eu. Por isso, ficou-se por ali mesmo e nunca mais apareci.

A segunda consulta foi bastante diferente e resultou naquilo a que muitos chamam de regressão a vidas passadas. Isto é, a terapeuta, que também tem formação em psicologia clínica e outras especialidades de que não me recordo, através dum diálogo de cerca de três horas, transportou-me para um período da minha vida, que eu não sabia existir ou que não me recordava.

Não foi necessário recorrer à hipnose, como é frequente neste tipo de consulta, pelo que sei. Tudo decorreu num ambiente muito sereno, com uma música de fundo que me é muito familiar e que é muito usada para exercícios de relaxação, meditação e até de ioga.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

A consulta teve duas partes: a primeira, em que falámos abertamente da Elizabete e em que expliquei os factos que me vinham acontecendo, nos últimos tempos, desde que ela adoecera.

As minhas dúvidas prendiam-se em saber se podia ser mesmo ela a responsável pelos episódios que vinha presenciando nos últimos tempos; se haveria alguma hipótese de as pessoas que morrem, afinal não estarem definitivamente mortas, mas passarem numa primeira fase, a viver de uma forma diferente e próxima daqueles que estão vivos; se era possível que os defuntos tivessem contactos com as pessoas que ainda se encontram vivas.

Estas são perguntas a que muita gente gostaria de obter resposta e até de ter a confirmação, face ao medo do vazio e do desaparecimento total, que significa a morte na eternidade.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Existe uma grande necessidade por parte do homem, em se identificar com Deus ou com uma força maior, de forma a garantir a sua continuidade na imensidão da eternidade. Tudo isto tem motivado, ao longo dos tempos, várias crenças religiosas, filosóficas e até um certo clientelismo em negócios, que tem levado o homem a fazer gerações de guerras, sempre em defesa do que julga saber e ser o melhor.

Há quem diga que uma mentira contada muitas vezes se torna verdade, como muitas outras “verdades” por aí existentes e que têm servido de base para muita gente “erguer” as suas vidas.

A conversa com a terapeuta deixou-me bastante mais tranquila. A Elizabete procurava-me, talvez por achar que eu seria a única pessoa verdadeiramente preparada, entre todas as que conhecia, para estabelecer algum tipo de contacto e com isso, ficar mais aliviada sabendo que eu nunca iria guardar o segredo só para mim. A verdade vale o que vale, mas uma coisa é certa: ninguém pode desmentir esta versão. De resto, muito há para investigar nesta matéria.

A outra parte da conversa foi a que me deixou mais inquieta: rever uma vida passada! Alguém acredita nisso? Pelo menos eu não. Quer dizer... eu não acreditava, nem deixava de acreditar. É mais uma das muitas dúvidas que subsiste na cabeça de qualquer homem, no seu

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

perfeito juízo e que nunca tenha sido posta à
prova.

Numa conversa estruturada em parábolas,
conseguida através de perguntas inocentes que
mais pareciam não fazerem sentido, dei por
mim a responder com a maior exactidão, mas
estupefacta pelo que via na minha memória e
que era decodificado pela terapeuta.

Só para concluir, porque senão seria preciso
escrever outro livro, digo-vos que fui encontrar
pessoas da minha outra vida passada, que fazem
parte desta vida actual. Será isso possível?

«Agora é que endoidei de vez» pensei

Parece que ainda estou a ver, a terapeuta a
perguntar-me:

- Então, Fátima, quem é essa pessoa? Tu
conhece-la?

Com grande expectativa, começava por ver a
pessoa sempre de baixo para cima. Via primeiro
os sapatos, depois as calças ou o vestido, e só no
fim, a cabeça; como se estivesse sempre de
costas voltadas.

Então? – insistia ela – Já lhe viu a cara?

Era só nessa altura, que a pessoa finalmente se
virava e mostrava o rosto. Meu Deus, como
pode ser! Nesta expectativa insólita, vim a
encontrar pessoas que fazem parte dos dias de
hoje e com as quais me relaciono ou já
relacionei.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Posso dizer-vos que sai de lá enleada num turbilhão de emoções e de pensamentos, bastante confusos. Precisava urgentemente de sair dali para poder rever cada pergunta, cada lembrança, cada sentido dado às coisas.

Horas antes de entrar naquele consultório, toda a minha pré disposição era favorável ao cepticismo e agora, via-me com o “menino nos braços”. Não é de excluir esta possibilidade, apesar de ainda ser muito confusa para a minha cabeça, muito céptica.

Como diz o padre Lauro Trevisan, pós-graduado em Filosofia, jornalista com formação em Psicologia, Teologia e Parapsicologia no seu livro ***Conhece-te e Conhecerás o Teu Poder***: «Os parâmetros de conhecimento da mente consciente – e entre eles menciono as crenças religiosas – não são, em si, garantias de verdade. Podem ser fruto de equívocos, de tradições, de hábitos de antepassados, da visão parcial do todo, de estudos recolhidos por mentes esclarecidas, mas nem sempre infalíveis. O que é a verdade? Onde está a verdade? Como se identifica a verdade?»

A verdade é sempre algo que pode ter uma enorme ambiguidade. Não sou eu que o afirmo. Jesus Cristo, outros profetas e homens dotados de uma maior sabedoria e sensibilidades já o

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

diziam e as pessoas atentas que buscam a
essência das coisas sabem-no.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Já estamos no ano de dois mil e sete, a minha licenciatura está concluída, a minha saúde está estável, com o meu quisto benigno a evidenciar-se, só quando “estico a corda”:

«Olá, amiga, vê lá se vais mais devagar. O mundo não acaba hoje e tu tens de abrandar o ritmo. Porque se fizeres tudo hoje, não terás nada para fazer amanhã». Isso é o que ele pensa. Escondidinho no meu cérebro, o Kinder Surpresa – nome que lhe dei por ser do tamanho do brinde do famoso ovinho de chocolate para crianças.

Já estou a preparar mais um espectáculo que pela primeira vez, vai ser no dia do aniversário: treze de Maio.

O ritmo de trabalho e os problemas relativos à falta de ordenados em atraso, não chegam para me desligarem da Elizabete. Sinto-a, umas vezes mais que outras. Esta era uma realidade que persistia e com a qual tinha aprendido a conviver, apesar de nada saber.

Sempre à procura de respostas e de mais certezas, caminho neste tempo, que mais me parece de expectativa para um futuro, com o qual nunca sonhei.

«Para onde vou? Para onde me levas, Elizabete?»

Pela primeira vez, comecei a ganhar consciência, que nada disto me podia estar a acontecer por

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

acaso. Assim como existem pessoas com enorme talento para tratar da saúde dos outros, para cozinhar, para o cinema, para cantar, para fazer desporto ou política e existem outras, com talentos mais diferenciados, fora do comum.

O grande filósofo grego Sócrates foi um deles. Vivia para interpelar a razão de cada um. Para ele, era importante que cada um estivesse na vida consciente do seu próprio pensamento e ideal, que as pessoas não se limitassem a viver, que levantassem questões relativamente a tudo o que viam e não viam.

Ao longo da história da humanidade, existiram pessoas muito sensitivas, cuja sensibilidade extrapolaram o senso comum uma vez que eram possuidoras de um talento e de uma dimensão humana admirável. A Jesus Cristo com exemplo maior da história da humanidade, segue-se gente como a Madre Teresa de Calcutá, São Francisco Assis, o Profeta Maomé, Dalai Lama, Buda, Gandhi, Martin Luther King Jr., Nelson Mandela e muitos outros homens defensores de outros credos religiosos não menos importantes, bem como muitas outras pessoas dotadas de poderes extra-sensoriais ou de uma grandiosa bondade que dedicaram as suas vidas à paz, à cura, e a ouvirem os problemas dos outros em defesa de grandes causas sociais. Acredito que

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

ainda hoje a natureza continue a produzir gente
com este perfil.

Muitas pessoas no nosso tempo, têm escrito
livros e dado palestras que têm servido para
despertar as mentes humanas. Mas também
existem outras, que nunca escreveram, que não
são reconhecidas mundialmente e que são
igualmente responsáveis pelo bom
acompanhamento que prestam à sociedade, do
ponto de vista espiritual.

Recordo-me de um professor que tive na
universidade que dizia: «Vou muitas vezes ao
fundo, para não me afundar de vez.»

Ele defendia abertamente que tínhamos entrado
no milénio da espiritualidade, uma vez que o
homem já tinha adquirido algum domínio da
tecnologia, da ciência e da saúde.

Nunca o mundo teve tantas condições para que
o homem vivesse feliz e realizado e nunca como
agora, as pessoas vivem na solidão, no
descontentamento e em constante crise. O que
lhes falta, realmente?

Há tanta coisa por descobrir e por desvendar.
Além da grande crise de valores que a sociedade
ocidental está a atravessar, é necessário que a
humanidade pare para reflectir sobre muitos
assuntos que são vitais para a existência do

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

homem, como sejam a morte ou a vida depois da morte. Este tipo de assuntos são quase sempre descredibilizados e remetidos para o fórum da Teologia, das religiões ou do domínio místico, quando é um problema transversal, e universal. A morte toca a todos, independentemente da idade, da classe social, do saber, ou do que quer que seja. Chega mais cedo para uns do que para outros, mas ninguém lhe está imune. Por isso pergunto:

- Quando é que será que a comunidade mundial vai olhar de frente para este grande fantasma que é a morte e tudo o que ela encerra em si mesma e encará-la, sem medos nem rodeios? Se é que encerra alguma coisa e não apenas o corpo físico.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

- Fátima, conheci alguém que é espectacular. Já lá fui; precisas de ver para acreditar, – disse-me a minha prima Irene, sobre uma senhora que, segundo ela, encarnava um espírito do falecido Padre Cruz, que para muitos portugueses católicos é como um santo.

A sua vida decorreu numa fase em que, após a implantação da República em Outubro de mil novecentos e dez, a fome e a miséria aumentavam gradualmente em Portugal. Pairava no ar a vontade de exterminar as doutrinas cristãs e reinava a perseguição ao clero. A religião era acusada de adormecer o povo e impedir a sua consciencialização política. Enquanto a maior parte dos padres negava a sua própria fé, o Padre Cruz enfrentava corajosamente os inimigos da Igreja. Mesmo aquando, da proibição do uso da indumentária sacerdotal e quando Igreja e Estado foram legalmente separados, o Padre Cruz, continuou a usar as suas vestes. Também se diz que a sua intuição era surpreendente, que lhe permitia detectar sobreviventes no meio de corpos sem vida, depois das violentas lutas ocorridas no início do século XX. Além disso, percorria as zonas mais pobres, ajudando com as suas esmolas e palavras de conforto os mais carentes e necessitados.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Lembro-me de ter catorze, quinze anos e me terem contado esta pequena história que vos passo a narrar.

Certo dia, o Padre Cruz apanhou o comboio que vinha de Sintra para Lisboa e não comprou o bilhete de transporte, porque achava que aquele dinheiro faria mais falta a um pobre para lhe matar a fome, do que à empresa dos comboios.

O revisor andava pelas carruagens a pedir os respectivos títulos aos passageiros e, quando confrontou o Padre Cruz e este lhe disse que não possuía o título de viagem, mandou-o descer na estação seguinte.

Ao apito do responsável pela estação, para que o comboio seguisse de viagem, este não conseguiu deslocar-se. Que alvoroço!

Depois da máquina ter sido devidamente observada, o maquinista constatou que não havia problemas no motor, mas não percebeu porque é que ela não andava, até que o cobrador, se lembrou que tinha expulsado da carruagem um senhor já com alguma idade, que envergava um hábito preto comprido até aos pés e que trazia nas mãos uma Bíblia. Olhou para o cais da estação e constatou que o velho padre se mantinha no mesmo sítio, onde tinha descido da carruagem. Meio hesitante, lembrou-se então de se dirigir ao senhor e pediu-lhe que

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

subisse de novo para o comboio. O velho padre subiu para a carruagem, sentou-se no banco e o comboio começou a deslizar sobre o carris, rumo ao seu destino.

Não posso confirmar a veracidade da história, pois nesse tempo ainda não existia. Mas quem ma contou, era bem pequena na altura, foi alguém que a testemunhou.

Após a morte do Padre Cruz, o seu corpo foi depositado num jazigo, no cemitério de Benfica. Todos os dias é visitado por centenas de pessoas que vêm dos mais variados locais e que depositam não só flores como fazem pedidos, tomando aquele espaço, num local de culto sagrado, oração e agradecimento.

Muito desconfiada, acedi ao convite da minha prima, quanto mais não fosse para a acompanhar.

Fez-me muita confusão ver aquela mulher de quarenta e cinco anos aproximadamente, estar receptiva a experiências daquelas: disponibilizar o corpo para que um espírito entrasse nele.

Residente num bairro social de Lisboa, a sua casa era pobre, mas o seu coração era suficientemente rico para receber todo tipo de pessoas: desde muito ricas e grandes personalidades dos vários quadrantes da sociedade portuguesa a gente mais modesta.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Não prometia mundos nem fundos, mas tentava somente orientar os corações mais inquietados, muitas vezes de forma assertiva.

Não levava dinheiro pelas consultas, ficando à consciência do cliente dar o que lhe parecia mais justo. A sua vida resumia-se a criar os três filhos, a ajudar os outros e a viver os seus muitos problemas de saúde.

Fui lá duas vezes, o suficiente para sentir por aquela mulher uma enorme compaixão e um sentimento de ternura. Talvez cada um tenha o seu destino e o daquela mulher fosse esse: dar o seu tempo a ouvir e a orientar os outros. Não acredito muito no conceito de destino, segundo o qual tudo o que vivemos está traçado e apenas vimos ao mundo para cumprir o que Deus escreveu. Para mim, essa teoria não faz muito sentido. O homem tem livre arbítrio para fazer a sua vida segundo as suas crenças, pensamentos e acções. Acredito que cada um de nós, antes de descer à terra, se propõem ultrapassar obstáculos e a crescer espiritualmente. Uns conseguem outros não.

Na eternidade não há passado, presente nem futuro, tudo se passa como num tempo único. Essa necessidade de dar nomes às coisas, advém da carência do homem, no sentido de se enquadrar melhor com o seu tempo de vida.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Lembro-me entre muitas outras coisas, de ela me ter dito:

- Ninguém pode virar as costas para o que está destinado. Por que se não, a sua vida pode tornar-se in comportável e a pessoa nunca chegar a encontra paz.

Percebi exactamente o recado que ela me estava a transmitir. Provavelmente, antes de entrar neste corpo, assumi objectivos que agora não estou a reconhecer. Desse ponto de vista, o destino sou eu que estabeleço e Deus aceita como uma prova de crescimento espiritual que tenho de atravessar.

Confirmou a presença de Elizabete na minha vida e disse ainda que não era a única. Deus havia-me dado essa sensibilidade que, de resto, todos os homens possuem em diferentes níveis. A maior parte das pessoas não só o despreza por ignorância e medo, como existem outros que se governam à conta disso e ainda há os que se aproveitam para fazer chacota do assunto.

Conheço casos concretos de pessoas bem sucedidas na vida profissional, muitas delas figuras públicas e não só, que antes de fazerem o que quer que seja na sua vida, consultam primeiro um vidente ou médium para que o negócio lhes corra de feição. Por outro lado, se forem interpelados sobre algum assunto desta natureza, eles não só se ofendem, como ainda

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

subestimam o tema. É o retrato de uma sociedade camuflada de muita hipocrisia.

Que Deus dê paciência aos mais audazes e aqueles que buscam a verdadeira sabedoria. É nesses que reside a esperança de um dia chegarmos a algum lado: sem ser os grande empregos; a fama; a estabilidade da taxa de juros; o olhar só para o seu próprio umbigo; passando por cima das questões que incomodam a consciência humana.

Num milénio que se pretende que seja mais dedicado à espiritualidade, depois de controlados alguns dos mais importantes paradigmas que permitem ao homem, uma melhor qualidade de vida, torna-se urgente trabalhar, não só na paz de espírito, como na compreensão da felicidade que, afinal, não vem da aquisição dos bens materiais, nem da ruptura do conceito família, nem de publicidade enganosa da comunicação social.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Se há coisa que gosto de fazer, é passar por uma igreja e acender uma vela por intenção de algo ou alguém que possa precisar. Vejo, nesse acto, uma extensão do meu mais profundo bem-querer e da oração, que se estende para além do período que estarei dentro da igreja e que espero que tenha repercussão positiva. A luz e o calor que emana, tem o significado da energia que se expande, até onde o meu eu material não alcança – a bênção – por isso, são muito frequentes as minhas idas à igreja nesse espírito de missão, quer por mim, quer pelos outros e pela Elizabete que me acompanha.

Começo agora a perceber que, quanto mais naturalmente aceito o que tenho vivido e sentido com esta criança, mais espaçados vão sendo os sinais que indiciam a sua presença junto de mim.

Já terá subido ao céu de vez? Sei lá eu se vai para o céu ou para um outro sítio. Existem tantos dogmas e um vazio, em relação ao sítio para onde vamos.

Para ser sincera, não partilho da opinião daquela teoria defendida pelos irmãos Testemunhas de Jeová, que diz que só um pequeno grupo de pessoas, cento e quarenta e quatro mil, subirão ao céu para reinar com Cristo e que todas as outras ficaram adormecidas debaixo da terra e

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

só serão salvas no fins do tempo, quando chegar Jesus (Apocalipse, Revelação, Capítulo 14).

Não vejo as coisas dessa maneira. Mas poderei estar errada. Para mim, Jesus Cristo veio ao mundo, oriundo de gente pobre, com conceitos muito simples sustentados só no amor a Deus e ao próximo. Se Deus quisesse que as coisas fossem complicadas, não teria Jesus nascido no seio de uma família real, com todo o protocolo que lhe estaria subjacente? As outras religiões partilham pontos comuns com o Cristianismo, na medida em que assentam os seus pilares na simplicidade, no amor e na sabedoria como base da sustentabilidade da vida humana. Não será o homem que gosta de complicar o que Deus nos deu, como simples?

Tudo se embarça, porque cada um de nós quer ser mais amado que o outro; cada um de nós quer ter mais do que o outro; quer ser mais respeitado do que o outro. Em suma, cada um de nós quer ser um pequeno deus para os outros. É nesta promiscuidade de tantos querereres supérfluos, que nos afundamos e complicamos a relação de amor que dita o primeiro e o segundo mandamento de Cristo: «Ama a Deus acima de todas as coisas»; «Ama o teu próximo, como a ti mesmo.»

Se cada um de nós assentasse a sua vida neste dois grandes pilares, as sociedades e todo o

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

conceito de vida em torno do homem seriam bem diferentes e para melhor. Penso que disso ninguém tem dúvida.

A muito frágil conjuntura económica de Portugal, a alta taxa de desemprego, a precariedade de um grande grupo de jovens trabalhadores dentro do tecido social português devido aos recibos verdes, as sucessivas subidas das taxas de juros indexadas ao Banco Central Europeu, as sucessivas subidas do preço do petróleo e do valor do dinheiro, foram terreno fértil para piorar a minha já muito débil condição profissional e financeira.

Deixei muitos trabalhos para me dedicar ao meu segundo curso, a licenciatura em Dança, que durou cinco anos e meio. A carga horária era muito exigente, de modo que só pude ficar com o Benfica e pouco mais. Durante esse tempo recusei inúmeras propostas de trabalho, algumas das quais passei para outras colegas. Depois do curso acabado, tive de voltar a procurar outros empregos mais estáveis.

Há muito que havia deixado a carreira hospitalar, para me dedicar em exclusivo às artes, dando aulas de dança e de ballet em escolas e no Sport Lisboa e Benfica. Percebia que, como bailarina ou como professora, estava cada vez melhor. Mas a falta de gente influente para me colocar nos sítios certos era a grande

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

lacuna para o meu sucesso. Pois é: um dos grandes males deste meu querido país são os compadrios e as cunhas. Por isso quanto melhor profissional me tornava, pior era para arranjar emprego e pior era para me pagarem. A necessidade de pagar a minha casa, que havia adquirido em Lisboa, estava-se a tornar cada vez mais incomportável a ponto de me fazer exasperar ainda mais e não via solução em lado nenhum.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Depois da morte da Elizabete, comecei a recorrer a ela para lhe pedir que me ajudasse, como sempre fizera com Deus e ainda faço.

O facto de já não estar entre nós alimentava esse pedido: não só a sua presença na minha vida, como também um modo de actuação e de provação. Era como se eu não quisesse que ela me deixasse.

Foram muitas as vezes que me senti de mãos e pés atados, sem solução para a minha vida profissional. Era como se estivesse em “*stand by*”.

Tinha perfeita noção de que algo se passava na minha vida e que, por isso, era importante vivenciar toda aquela provação. Foi um tempo em que me dediquei muito à leitura: literatura clássica portuguesa, literatura estrangeira; livros de auto ajuda e política, entre outros.

Assustava-me sentir que, ao mesmo tempo que o cerco se fechava em relação à minha vida profissional, ainda conseguia ter a tranquilidade para sorrir, escutar e ajudar os outros. Dei muitas vezes por mim, a interrogar Deus:

«Que queres de mim, dar comigo em doida? Queres testar a minha resistência? Até onde serei capaz de ir, com o bem que faço aos outros e com o vazio que recebo, muitas vezes, em troca? Queres que me revolte?»

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Para ser realista, há muita gente que se queixa do mesmo. O bem vem muitas vezes donde menos se espera e aqueles a quem mais ajudamos são quem menos agradece e até nos prejudicam.

É realmente difícil crescermos, como seres humanos e sermos tolerantes com os da nossa espécie.

Percebo, agora que o sofrimento traz um grande prémio: a capacidade de nos tornarmos melhores para nós e para os outros. A maturidade não é um produto da idade, mais sim o resultado da capacidade que cada homem tem para enfrentar a adversidade que lhe aparece nas várias situações ao longo da vida.

Foi neste período de tempo, que a ideia de escrever este livro começou a ganhar raízes.

«Escreve, Fátima, porque vais ajudar os meus pais e o resto da minha família a superarem melhor a dor. Faz por mim. Só tu o podes fazer. Tens sido preparada para isso» ecoava constantemente na minha cabeça.

Mas a força impulsionadora, que faz com que os actos passem à acção, não aparecia. Os sucessivos problemas do dia-a-dia consumiam a minha alegria e vontade de fazer algo que exigia mais de mim. Afinal de contas, escrever um livro que traga uma mensagem diferente, não é como escrever um artigo de jornal ou um texto

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

para abertura de espectáculo. É diferente: é mergulhar nas minhas feridas; é pôr a nu o meu eu verdadeiro e a minha vida; é estar sujeita a várias críticas: E sabe Deus que críticas!

«Não Elizabete, ainda não me sinto preparada. Um dia irei escrever o teu livro, mas primeiro, tenho de sentir o chamamento» respondia-lhe.

Nunca mais me haviam saído da cabeça as palavras daquela mulher que me havia informado que não era só a Elizabete que me procurava: havia mais pessoas. E a verdade é que sempre consegui destrinçar quando era ela e quando não era, porque o contacto estabelecido e a forma como me chamavam à atenção eram muito diferentes.

O objectivo da Elizabete na minha vida era bem diferente do da Leonor, a falecida filha da minha amiga Matilde. Enquanto a Elizabete era mais companheira, a Leonor servia-se de mim para ajudar a sua família e fazia-o constantemente, muitas vezes, sujeitando-me a algum sofrimento e ingratidão da parte deles que nunca perceberam.

A incapacidade em ajudar a sua problemática família fazia-a recorrer a mim, com alguma frequência. Só mais tarde é que percebi que aquilo que eu achava ser um acaso da vida, uma reacção à acção das minhas atitudes e opções tinha sido manipulado e atraído por ela.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Acho que o lugar onde estão aqueles que já partiram deste mundo, lhes permite ver melhor que nós, que por cá andamos, o rumo que damos às nossas vidas.

Na realidade, pouco consegui ajudar estas pessoas, porque quando alguém não quer ser ajudado, os outros nada podem fazer por eles. Por isso, a minha acção vai no sentido do bem-fazer e bem-querer, mas só a intenção não basta. Foram anos de tentativas e de grande sofrimento para mim. Deste caso, não falarei mais, pelo menos neste livro.

Serve o presente relato só para vos contar que a forma mais original que a Leonor arranjou para me agradecer todo o bem que sempre fiz à sua família, foi dar-me uma gata, que veio no motor do automóvel do meu vizinho. E eu que não queria animais em casa e não gostava de gatos... Trocava mensagens via Internet com um amigo muito próximo da sua família e com o qual já não falava há bastante tempo e havia muito para dizer, só que eu tinha de sair para ir dar aulas ao Benfica e combinámos, então, trocar umas palavras mais tarde.

Já noite dentro e muito cansada, ainda me arrastei até ao computador para não deixar pendurado o meu amigo. Só que ele não apareceu.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Em vez disso, ouvi um miar muito aflitivo que vinha de dentro de um motor do automóvel que estava estacionado em cima do passeio, mesmo debaixo da minha janela.

Éramos muitos vizinhos de voltar do carro, para tentar tirar de lá um gato bebê, que não conseguia sair. A coisa foi tão demorada, que acabei por subir para a minha casa e desligar-me do assunto. Estava muito cansada e o animal parecia muito teimoso. Minutos mais tarde, ouvi um regozijo dum vizinho, que, finalmente, tinha agarrado o animal. Como ele já tinha um cão e um gato em casa, não podia ficar com mais nenhum. As outras pessoas que estavam à janela também tinham os seus animais e outras havia que não estavam interessadas em ter bichos dentro de casa; pois são sempre uma prisão. Ainda tentamos pôr o animal nas traseiras do prédio, onde existem muitos outros gatos, mas a vizinha que tinha um quintal virado para o terraço onde eles habitam, já andava farta de gatos e não queria mais nenhum para sujar o seu quintal. Compadeci-me com o animal, que se agarrou ao meu peito e já não me largou. Todo sujo de óleo, era do tamanho da minha mão. Havia sido a mim, que se tinha mostrado pela primeira vez, ainda dentro do motor do automóvel. Acabei por ficar com o bichinho, que não tinha mais do que quatro a cinco

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

semanas. Estávamos no primeiro dia de Junho de dois mil e oito.

Na semana seguinte, quando falei com a minha amiga Matilde de Trás-os-Montes, contei-lhe o que havia sucedido. Ela que adorava gatos e havia tido muitos, quis logo saber como era o novo membro da família.

- É de raça europeia, tigrado de cor cinzenta, preta e branca. E tem uns olhos enormes – descrevi.

- Sabe, Fátima, a minha filha Leonor, tinha um assim e gostava muito dele. Fui eu quem lho dei. Também tive muitos gatos e só não tenho agora, porque os meus problemas respiratórios não deixam. Eles largam muito pelo – contava – Já lhe deu nome?

- Dei-lhe o nome provisório de Kiko, porque não sei se é um gato ou uma gata – explicai-lhe.

- Então pode dar-lhe o nome de Baltazar? Era o nome do gato da minha Leonor.

Depois de desligar a chamada, nem queria acreditar na feliz coincidência. Como é que eu tinha dentro da minha casa um animal de que antes não gostava, nem confiava? As muitas histórias contadas sobre este felino e um mau exemplo que me chegou através da minha avó materna, que teve um que lhe mordeu uma perna, deixando-lhe um buraco, eram mais do que motivos, para não os querer nem por perto

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

- Gatos? Nem pensar! – dizia eu.

Nunca pensei tanto em ter um animal, como nesses últimos tempos. É muito triste meter a chave à porta e não ter ninguém à nossa espera.

- Um animal também faz muita companhia – diziam-me a Matilde.

Por outro lado, eu só gostava de cães e não tinha tempo para ir com eles à rua. Para mim, também era desumano deixar o animal todo dia trancado num apartamento fechado sem amigos. Não, isso era impensável.

Bem sei que tinha Deus, a Elizabete e, de vez em quando, também a Leonor, mas isso não chegava. Eu precisava de uma companhia mais real, mais palpável a quem dar colo.

Acabou por ser uma das melhores coisas que a vida me deu. Já tenho comentado com alguma frequência, que só quem tem um animal em casa é que consegue perceber o que é ter amor aos bichos.

A Matilde foi a minha casa conhecer a Kika Baltazar e ficou encantada com ela:

- Fátima, ela é igualzinha ao gato da minha falecida filha. O focinho, as manchas, a cor, até a atitude. Que sorte que teve. Vai adorar tê-la e vai-lhe fazer muito bem. Nunca mais se há-de sentir sozinha.

E a previsão da minha amiga assim se tem cumprido.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Os animais têm um dom enorme para tratar das
nossas emoções e nos darem alegria. São
grandes companheiros.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Na saga de mandar currículos para tudo quanto era sítio, nem no Centro de Emprego me safei. Fui às feiras de emprego, consultei jornais, inscrevi-me em todos os sites de empregos que me apareceram, mandei candidatura espontânea para hotéis, hospitais e nada.

Já estávamos em Outubro e as minhas despesas eram mais altas que o meu único ordenado, que vinha do Benfica e que também não me estavam a pagar.

Já levava de atraso dois meses e alguns dias no pagamento à prestação do crédito à habitação. Continuei com uma serenidade para a qual não tinha explicação. As contas por pagar, só não eram piores porque a minha querida segunda mãe e meu anjo da guarda, foi ajudando a pagar o que podia. Os meus pais verdadeiros também foram incansáveis.

Como no ano anterior, havia arranjado uma escola, a meio do mês de Outubro, quando as instituições de ensino já têm todos os seus docentes contratados, por isso, nesse ano, acalentava a mesma esperança.

Sempre num estado de profunda interpelação, fazia o caminho da igreja com muita frequência, onde pedia a Deus e à Elizabete que me ajudassem.

Foi também nesse mesmo mês que a ideia de escrever o livro ganhou contornos irreversíveis;

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

teria de ser feito o quanto antes. O fundamento do livro e a sua concepção estiveram directamente ligados à concretização do meu novo emprego.

Numa sexta-feira à noite, sentada no meu sofá, ouvi na minha cabeça.

«Fátima, começa a escrever o livro que o emprego aparece logo a seguir. Começa o quanto antes».

O livro vai ser escrito e vais arranjar uma editora que o irá editar. Vais negociar os direitos do livro com uma pequena percentagem para a editora, por causa dos custos de produção. O restante irá reverter a favor de crianças com graves problemas de saúde e cujos pais não tenham dinheiro para as tratar. O livro vai ser vendido em todo o mundo e o dinheiro que for realizado com a sua venda num determinado país, vai ficar nesses mesmo país, para ajudar as crianças que ali vivem. Atenção, o dinheiro que for realizado num determinado país, não volta a Portugal, fica nesse mesmo país.

O livro vai ter uma grande tiragem e assim não só irás ajudar muitas crianças a ficar por mais tempo, junto dos seus pais e familiares, como ainda, ajudarás os meus pais a aceitem a minha partida. Fá-lo, por favor: por mim, pelos meus pais, pelas crianças e por ti. Só tu o podes fazer. Não tenhas receio. Obrigada».

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Dia vinte de Outubro de dois mil e oito, mais uma vez sentada no sofá da minha sala, de frente para o computador, mandava currículos para tudo quanto me aparecia à frente. O telefone tocou e do outro lado ouvi a voz da Diana.

- Então Fátima, como vai? – perguntou-me.

- Olá, Diana. Como está? – respondi-lhe. – Confesso que ando preocupada comigo mesma. Deveria estar sem dormir, mas isso não me está a acontecer. Tenho a renda da casa em atraso; não consigo arranjar emprego; o Benfica não me paga e ainda me retirou parte do ordenado, mas eu estou tranquila, com uma serenidade que não é normal. Não sei se estou mais preocupada com a falta de emprego, se com o meu estado de espírito – disse-lhe.

- A menina tenha calma, porque há-de aparecer alguma coisa de que vai gostar. Não desanime – tentava-me reconfortar.

- Sabe, Diana, já comecei a escrever o livro da Elizabete. Finalmente, senti um forte apelo, talvez deva ser por isso, que não estou tão mal. O facto de estar a escrever algo, que tem uma missão maior, deixa para segundo plano a falta de emprego e dinheiro; faz-me elevar até outro estado e sentir outro conforto – acrescentei

- Faça isso, Fátima, e peça-lhe, que ela vai a ajudá-la. Tenho a certeza disso – reforçou.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

- Diana, isso foi o que ela me disse: que assim que eu comesse a escrever o livro, o emprego apareceria. Vamos ver! Eu tenho a certeza que mereço mais da vida, do que ela me tem dado. Mas talvez seja importante passar por tudo isto para o que virá no futuro. E, nesta medida, é essencial aceitar e tentar perceber o que me rodeia. Para que um dia, possa dar, valor ao que Deus me vai colocar para resolver. Eu tenho fé e não desânimo com facilidade.

- Isso, Fátima, um dia a menina ainda há-de ter uma vida tranquila com tudo a que tem direito. Merece-o e tem feito por isso sozinha. A Elizabete vai ajudá-la. Tenho a certeza disso. E assim nos despedimos.

Desliguei o telemóvel e, nos segundos seguintes, voltou a tocar. Pensei que seria novamente ela para me dizer alguma coisa que tivesse esquecido. Olhei para o número que estava no visor e não o reconheci.

-Estou sim – atendi.

- É a Dra. Fátima Veloso? – perguntou uma voz muito formal do lado de lá.

- Sim, sou eu.

Naquele breve instante, pensei quem seria. Quase ninguém me trata assim.

- Estou a ligar da Casa Pia de Lisboa. Uma colega sua entrou em licença de parto e

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

precisamos, com urgência, que a Dra. a substitua. Aceita?

- Sim, aceito – respondi-lhe.

- Então, não se importa de se apresentar amanhã aqui nos Serviços da Provedoria, em Belém para levantar a guia e preencher os papéis necessários? – perguntou.

- Não, senhora. Amanhã estarei logo aí pela manhã. Obrigada.

Por muito que eu tentasse descrever o que senti naquela hora, nem em mil páginas conseguiria exprimir o quanto me ia na alma, na cabeça e até no meu corpo.

Sem pensar em mais nada, liguei de imediato à Diana a fim de lhe contar o que havia sucedido.

- Diana, está sentada? Ligaram-me agora mesmo da Casa Pia de Lisboa a convidar-me para amanhã me apresentar ao serviço. A Elizabete já fez das dela. O que mais falta acontecer para que as pessoas acreditem?

- Ó Fátima, a menina merece e vai ser uma grande sorte para a Casa Pia tê-la lá, pelo que é capaz de fazer pelos outros e pelas suas qualidades humanas – encorajava-me e ficava agora mais tranquila e satisfeita. A neta, mais uma vez, tinha mostrado do que era capaz, mesmo não estando presente fisicamente.

Não só fiquei até ao final do ano lectivo, como ainda fui convidada a renovar o contrato no ano

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

lectivo seguinte. Sai, apenas, porque o horário não era compatível com o do Sport Lisboa e Benfica, que era mais importante para mim. Depois disso, nunca mais precisei de andar atrás de emprego nenhum, tudo se tornou mais fácil, no sentido de uma melhor realização profissional, mais ordenado e mais firmeza em busca do que acho que vai ser a minha missão para um futuro próximo. Recebo com frequência e durante todo ano, vários convites para trabalhar em várias instituições, muitas delas de prestígio.

Passar pela vida, parece-me que é muito mais do que um encontro ocasional de pessoas.

Há quem defenda que não existem acasos. Outros dizem que, quando alguém se cruza no nosso caminho, é porque tem uma mensagem muito concreta para nos passar. Existem outros ainda, que não acham nada disso, e que defendem que adamos neste mundo e que, depois, nos vamos embora e desaparecemos no infinito.

Irrita-me e entristece-me profundamente, quando olho à minha volta e me apercebo que as pessoas andam constantemente alienadas ou adormecidas sobre as questões essenciais da vida. Qualquer coisa que apareça na televisão, na rádio ou até mesmo numa montra de um centro comercial, é o pretexto para tapar buracos; é

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

como se estivessem a “encher chouriços” – isso é a verdade da vida para muita gente. Acreditam na imprensa “cor-de-rosa” e mexericos e, depois, não acreditam que pode existir um *póst-mortem*.

Para a maior parte das pessoas, o essencial da vida prende-se muito com a superficialidade das questões e, por isso, torna-se mais importante parecer do que realmente ser.

Ao longo do meu crescimento como ser humano, tenho tido muitas dúvidas relativamente à existência dum destino, ao qual ninguém consegue fugir ou, se pelo contrário, temos a total arbitrariedade para fazermos da nossa vida o que bem quisermos. Também me pergunto muitas vezes se os valores que são transmitidos através das várias religiões existentes, são efectivamente verdadeiros ou existe algum outro motivo para subverter os factos históricos

Penso nas pessoas que entraram e saíram da minha vida: o que ganhei e perdi na minha relação com elas. Entristece-me constatar que algumas em quem investi tanto amor e dedicação, mais tarde me magoaram, sem qualquer tipo de remorsos.

Há quem diga, que as pessoas só ficam na nossa vida o tempo necessário para aprendermos alguma coisa com aquela relação. Quando

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

cumprem o seu objectivo, vão embora e seguem o seu caminho. Há autores que defendem que cada pessoa se encontra num determinado estádio de evolução espiritual e mental. Daí, que haja pessoas que magoam as outras, não por mal, mas porque não se encontram no mesmo estádio de evolução e que, por isso, não entendem o que recebem e nem o que dão aos outros.

O grande estereótipo das sociedades actuais incide na obrigação de se ser feliz; toda gente tem o direito e o dever de ser sempre feliz, de estar sempre bem e a sorrir de preferência. Estar triste ou chorar por um motivo qualquer que possa ser mais ou menos válido, é razão de preocupação, além de não fazer nada bem às pessoas. Se a sintomatologia se repetir então é caso para pedir ajuda psiquiátrica, porque tudo se resolve com uns comprimidinhos que adormecem os neurónios, a dor, os sentimentos e a vida.

Não sou contra a ida ao psiquiatra, bem pelo contrário. Existem casos, em que é mesmo necessário consultar esses técnicos de saúde e sujeitar-se aos tratamentos, para voltar a encontrar o equilíbrio dentro da saúde mental. E, quanto mais cedo o doente perceber que precisa de ajuda, melhor. A psiquiatria é uma

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

especialidade médica tão credível e respeitável
como qualquer outra.

A questão aqui é outra: trata-se da censura aos
estados básicos da vida, como sejam a alegria e a
tristeza que, sendo estados emocionais
essenciais à vida e ao crescimento do homem
como um todo, devem ser vividos na sua
plenitude e sem vergonhas.

Quantas vezes nos sentimos mais aliviados,
depois de uma crise de choro? Por vezes, nem
existe um motivo concreto, mas o sentimento
de tristeza invade o nosso espírito e a coisa só se
compõe, com umas lagrimazinhas deitadas cá
para fora, a maior parte das vezes, bem
escondidos de toda gente. Até porque, como diz
o ditado: “O Homem não chora”. Que grande
utopia!

A solidão também tem o seu quê de estigma
social. Para a maior parte das pessoas, estar só
não é bom, não faz nada bem à saúde e além
disso, parece mal. Estarmos sempre
acompanhados é que é; mesmo que nos
sintamos sozinhos no meio de dezenas ou
centenas de pessoas.

Sei lá eu, quantas vezes me senti só, no meio de
muita gente.

Com a partida da Elizabete, reestruturei algumas
formas de pensar, conteúdos morais, éticos e
sobretudo, deixei de ver só para o lado que mais

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

me convinha. Algo mudou em mim e acho que para melhor.

Também compreendi que a minha e a vida de todos nós, é mais uma missão de servir e amar os outros, do que nos entregarmos a projectos meramente pessoais e muitas vezes banais.

Elizabete fez três AVC num curto espaço de tempo. Numa das viagens que fazia de ambulância a caminho dum outro hospital, ela despertou de um dos AVC para pedir ao pai que a acompanhava a seu lado:

- Pai, diz à mãe que gosto muito dela.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

“Com isto, não estou absolutamente a insinuar que as minhas experiências sejam perfeitas. Dispensolhes a mesma importância que um cientista, cujas experiências são conduzidas com precisão, intuição e minúcia, mas que jamais chega a um resultado absoluto e mantém sempre a mente aberta. Passei por várias etapas de introspecção, esquadrinhei o meu interior e analisei cada aspecto psicológico das situações.”

Mohandas K. Ganghi

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

“Damos o nome de milagre às coisas porque não somos capazes de reconhecer que a nossa vida quotidiana normal é um milagre e que os milagres são realmente a norma”

Concetta Bertoldi

II PARTE

Não é nem nunca foi minha intenção estabelecer teorias acerca de assuntos tão subjectivos e complexos para a compreensão humana. Antes, tentei expor um problema que é de resto, uma grande incógnita para todos nós e, a partir daí, levantar questões.

A interpretação que atribui a cada episódio que aqui relatei, foi a resposta possível e necessária para aquietar o meu espírito ou talvez o meu juízo. Fui apanhada completamente desprevenida e sem ter a quem recorrer. Quantos mais, não terão sido tão apanhados como eu?

Na educação religiosa que os meus pais me deram, nunca se fez referência à vida depois da morte. O meu pai é um homem profundamente católico e devoto, a minha mãe uma mulher que se diz católica mas quanto a mim, mais por afinidade do que realmente por convicção.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Conclui todo o catecismo da igreja católica que durou vários anos onde me foi ensinado, que se aceitarmos Jesus Cristo como nosso salvador e tivermos uma conduta irrepreensível, quando morrermos vamos para o céu, onde Jesus e Deus nos esperam. Tal como aconteceu com Jesus, o nosso espírito e a nossa carne ressuscitam (Lucas 24); (João 20); (Marcos 16); (1ª Carta ao Coríntios 15).

Também me ensinaram que o homem só morre uma vez, assim como Cristo (Carta aos Hebreus 9, 27-28).

Por outro lado, o espírito do Demónio² é frequentemente citado ao longo das várias escrituras: (Mateus 25); (Job 1,10). Os anjos também são uma entidade frequentemente referenciada ao longo de toda a escritura. O anjo³ mais conhecido é Gabriel, que apareceu a Maria para lhe comunicar que esta ia se mãe de Jesus (Lucas 1:26-38), curiosamente o mesmo anjo que é referido no livro sagrado da religião muçulmana, O Alcorão, e onde o profeta Maomé, confessa a sua filha, que era frequentemente visitado por este, antes da sua morte.

² Demónio: Significa uma força sobre-humana, um fantasma, um espírito

³ Anjos: Em grego ângelos; malàk, em hebreu. Significa mensageiro, enviado. É um espírito.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Li e meditei a Bíblia algumas vezes e nunca deixei de ter dúvidas. A dada altura, o conceito de morte e o que ela significa em termos de vazio eterno ou não, passou a inquietar-me e cheguei mesmo a sofrer com a dimensão que este enigma me causava.

Só mais tarde, entre uma conversa e histórias que se contam, é que comecei a ouvir a versão de que o homem pode afinal não morrer definitivamente.

As igrejas cristãs assumem essa versão, com base nas escrituras bíblicas. Falam da ressurreição de Jesus Cristo, mas, depois, não sabem explicar o que acontece exactamente ao espírito de quem morre, logo a seguir ao decretado como morte clínica.

Será que as pessoas depois de morrerem ainda têm alguma forma de contactar os vivos? Sobre essa dúvida encontrei um texto bíblico do Antigo Testamento que é bastante eloquente, I Samuel: 28 (3-15)

«O profeta Samuel falecera e todo o Israel chorara a sua morte. Sepultaram-no em Rama, sua cidade. Saul O rei de Israel tinha expulsado do país os feiticeiros e os adivinhos.

Os filisteus mobilizados foram acampar em Sunem. Saul, reunindo as tropas de Israel, foi acampar em Guilboa.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Ao ver o exército dos filisteus, Saul inquietou-se e teve grande medo. E consultou o Senhor, o qual não lhe respondeu em pelos sonhos, nem pelos sacerdotes, nem pelos profetas.

Saul disse aos seus servos: «Buscai-me uma necromante para que eu a consulte». Responderam-lhe eles: «Há uma em En-Dor». Saul disfarçou-se, mudou de roupa, e pôs-se a caminho com dois homens. Chegaram de noite à casa da mulher. Saul disse-lhe: «Prediz-me o futuro, evocando um morto, e faz-me aparecer quem eu te designar». Respondeu-lhe a mulher: «Bem sabes o que fez Saul, ao expulsar os magos e os adivinhos. Porque me armas ciladas para me matar? Mas Saul jurou-lhe pelo Senhor, dizendo: «Por Deus, não te acontecerá mal algum». Disse-lhe então a mulher: «A quem invocarei?» Respondeu-lhe Saul: Faz com que me apareça Samuel».

E a mulher tendo visto Samuel, soltou um grande grito e disse ao rei: «Porque me enganaste?» Disse-lhe o rei: «Não temas! Que vêês?» – «Vejo, respondeu a mulher, um Deus que sobe da terra». Saul replicou: «Qual é o seu aspecto?»- «O de um ancião, envolto num manto», respondeu ela. Saul compreendeu que era Samuel, e prostrou-se com o rosto em terra. Samuel disse a Saul: «Porque Perturbaste o meu repouso, fazendo-me vir aqui?» Respondeu Saul:

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

«Estou em grande angústia porque os filisteus atacam-me e Deus Se retirou de mim, me não respondendo nem pelos profetas, nem pelos sonhos.»

Já ouvi versões em que o homem morre fisicamente, mas o seu espírito subsiste e tem plena consciência, do que se está a passar. Depois, algumas almas sobem ao céu ou descem ao inferno, como lhes queiram chamar, mas outras ainda ficam cá por uns tempos, fazendo o bem ou o mal, conforme a sua predestinação, contactando os vivos.

Há também a teoria da reencarnação, de que só ouvi falar aquando da minha consulta e num livro que li e que abordava vagamente esse assunto. O budismo assenta os seus pilares na reencarnação, mas honestamente, não tenho conhecimento para falar de tal.

Desconheço que hajam manuais ou teses científicas, credenciadas por Universidades de renome internacional que ajudem a discutir e a credibilizar o assunto. Assim sendo, o que seria um tema respeitado e aceite por todas as sociedades tornou-se um tabu que ainda não alertou as mentes mais inquietas do tecido mundial. Algumas pessoas, vão atirando dicas para o ar, com o sentido de ver alguém pegar no tema com seriedade, mas a coisa morre ali

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

mesmo, tal como nasce, assim como a própria
vida!

Como podemos compreender algo que está fora
do conhecimento humano?

James Van Praagh dá como respostas a esta
pergunta: «A nossa condição humana, baseada
em sistemas e atitudes preconcebidas de crença
religiosa, bloqueia qualquer explicação que possa
estar próxima de uma verdadeira compreensão.
A morte tem sempre sido o maior dos mistérios.
Apenas podemos imaginar e formular teorias
sobre o que realmente ocorre, mas nunca
sabermos exactamente o que a morte é, até ao
momento em que nós próprios iremos
experimentar».

A morte é um tema que interessa a todos e
abarca todos. Não deixem que este assunto seja
só do domínio da igreja, da teologia ou da fé. É
preciso, a participação e opinião séria de todos
os intervenientes da sociedade, porque a falta de
interesse dos grandes grupos pela questão, leva a
que outro tipo de gente sem credibilidade se
governe à custa do sofrimento dos outros,
vendendo “banha da cobra”.

Se o estado da economia, a qualidade da política,
o zelo pela saúde, e de muitos outros temas que
são importantes para todas as sociedades
mundiais, são discutidos e debatidos com a
participação de vários intervenientes, porque é

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

que não se poderá falar com seriedade sobre o
tema da morte e o que está para depois dela?

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

«Devíamos reconhecer que o sofrimento faz parte da existência ou em termos budistas, do samsara — o ciclo das existências condicionadas. Se o considerarmos como uma coisa negativa, anormal, do qual somos vítimas, a nossa vida torna-se uma miséria. O problema vem do modo como reagimos. Quando mesmo aquilo que consideramos como sofrimento deixa de nos perturbar, a felicidade torna-se possível.»

Dalai Lama

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

*“Não sei como, porque sou limitada, mas sei que Deus é tão
grandioso que não me surpreenderia que desse às almas que
morrem as recompensas que elas merecem”*

Concetta Bertoldi

III PARTE

O homem mais parece que vive instrumentalizado, como uma máquina que é programada para um determinado fim. Todos andamos às voltas com as mesmas superficialidades, carências, vaidades e manias.

Cada vez mais longe dos afectos, orientamos a nossa vida para caminhos isolados, tortuosos e oprimidos. Não admira que doenças como a depressão venham, dentro de muito pouco tempo, a ser um dos maiores flagelos da humanidade. A OMS – Organização Mundial de Saúde – reconhece a dimensão do problema. Vamos ver, o que acontece, quando lá chegarmos. E nem vou falar do grande número de doenças que são causadas pela vida stressante a que cada um de nós se sujeita no dia-a-dia.

A crise económica que está afectar os vários países do ocidente, a subida e descida dos valores do petróleo, das taxas de juros, o valor do dinheiro, a globalização, as vidas da figuras

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

públicas da sociedade mundial, podem ser uma fonte de interesse mas, de modo algum, podem subestimar ou subverter outros tipos de interesses que manifestamente, podem elucidar a vida do homem, enquanto tal e redimensioná-la.

E daqui faço um apelo:

- Ó Homem, porque dormes em pleno acto de vida? Acorda, fica esperto e desperto. Duvida de tudo mas não feches a porta a nada. Não excludas da tua vida, aquilo que não consegues enxergar com os olhos. Muitas coisas neste mundo foram descobertas sem que, o homem as visse. E, nem por isso, deixamos de alcançar o quanto já conseguimos até aos nossos dias. Quantas coisas inimagináveis foram provadas por alguém que, um dia, ousou ultrapassar os preconceitos e formas pré estabelecidas e com esse seu acto de heroicidade, o mundo e a civilização avançou.

Ténue é a linha que separa a vida da morte, como é também o objecto que tem forma, daquele que não se reconhece, não se manifesta dentro dos conceitos aceitáveis e que, por isso, é considerado, inexistente.

Haverá alma humana? O que medeia o sentido da vida? O que é a substância da vida? Qual o sentido da vida para cada homem que nasce?

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Como é que num contexto universal, onde tudo faz parte do todo, onde existe uma cadeia de funcionalidades para tudo, onde há uma ordem para as coisas acontecerem dentro de um tempo que tem a sua própria razão, o próprio homem se envergonha de questionar mais a seu respeito, no que confere às suas eternas dúvidas existenciais?

Para a maior parte da população mundial, o homem vem ao mundo e acaba nesta que é a sua única e derradeira oportunidade de se experimentar como objecto do ser.

A minha razão e a minha lógica cruzam-se frequentemente em grandes batalhas com o meu outro lado que é a fé. Falta provar que existe o que o homem ainda não alcançou.

É nestas alturas que questionamos a verdadeira essência da vida, porque a dor é tão grande que não deixa espaço ao homem para fugir e fingir que não vê, porque as explicações que são dadas como adquiridas e únicas, deixam de fazer sentido, quando o contexto é diferente. Então posso dizer que existem dois estados de almas ou de espíritos: alegria e tristeza e que muitas coisas que fazem sentido, quando estamos contentes, podem não fazer sentido nenhum, quando nos encontramos tristes. Esta simples constatação pode muito bem servir de alavanca para avançarmos noutros caminhos.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo connosco...»

Elizabete tinha todas as condições para viver bem, em todos os domínios da vida. Era inteligente, bonita, bondosa, saudável entre muitos outros aspectos positivos, tinha um pai médico, uma mãe exemplar, vivia no seio duma família reputada, num contexto familiar, financeiro e social excelente. Nada fazia prever um desfecho destes.

Com o passar do tempo, qualquer coisa me dizia, que nada acontece por acaso. Não é apenas o cliché da frase tantas vezes banalizada. É sobretudo uma esperança e, no fundo, uma certeza, que se abriu uma pequena tampa de um buraco que, de boca pequena, parece nunca mais ter fim.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

*«A morte é um momento crítico para o qual é muito útil
prepararmo-nos. Devemos reflectir sobre o seu carácter inelutável.
Reconhecamos que ela faz parte integrante da nossa vida, uma vez
que a vida tem necessariamente um princípio e um fim. Querer
escapar-lhe é um esforço inglório.»*

Dalai Lama

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

«Não existe nenhuma Verdade Absoluta no sentido objectivo, mas há uma verdade subjectiva, há aquilo que é verdade para nós, e isso é extraordinariamente importante na nossa vida»

Neale Donald Walsch

IV PARTE

Quando em Setembro de dois mil e oito, decidi avançar com este livro, não sabia muito bem o que escrever nem por onde começar. Além disso, na minha cabeça, existia um receio latente quanto à interpretação que fariam do livro e o julgamento que fariam da minha pessoa. Acreditem, tive de me conter bastante para não chocar as várias sensibilidades da sociedade nos relatos que aqui descrevi.

Sabia que devia escreve-lo, porque se passou algo que nunca me haviam ensinado a reconhecer nem como lidar. Precisava de organizar a minha cabeça e para isso, era preciso expor os factos. Mas estes só por si podiam não valer nada. Como é que poderia ajudar-me a mim mesma e os outros?

Não pretendo magoar ninguém, nem fazer folclore de assuntos tão sérios. Entre muitas coisas, desejo com este livro apelar a um diálogo ecuménico onde todas as religiões, filosofias e

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

crenças sejam aceites e acarinhadas como uma mais valia ao crescimento do homem como um todo. Afinal, todas elas têm trazido, ao longo da história da civilização, aspectos muito positivos e, assim sendo, é mais um motivo de regozijo e respeito do que censura. «Até mesmo as diferenças acabam por ser úteis, onde existe tolerância, caridade e sinceridade», são palavras de Gandhi, que se enquadram perfeitamente neste contexto.

Dr. Michael Bernard Beckwith, no livro **O Segredo**, afirma que «O homem é um campo infinito de desconhecidas possibilidades. Somos energia, tudo é energia. A energia não acaba, apenas se transforma.» A física quântica começa a apontar esse caminho.

O Homem nada sabe de concreto sobre o que está para lá do cair do pano. Ganhamos mais em aceitar a união dos vários pensamentos do que a excluir ou censurar aquilo que não professamos ou conhecemos.

Dr. Michael Bernard Beckwith disse ainda que «o homem torna-se naquilo que pensa. As capacidades e os dons que estão nos indivíduos são ilimitados, porque somos seres ilimitados.» Por isso, tudo pode ser possível.

Os cientistas dizem que usamos apenas cinco porcentos do potencial humano. Imagine se conseguirmos utilizar os cem porcentos?

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Chegaríamos ao cerne da questão e saciaríamos
as nossas necessidades.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Reconheço que o meu país é muito pobre nesta matéria do paranormal, que apenas é falada em surdina. Existem muitas pessoas que trabalham como videntes e médiuns, mas dão apenas consultas e a maior parte desta gente deixa muito a desejar. São quase inexistentes os livros e história que nos possam levar a acreditar, há exceção de alguma literatura estrangeira.

O que eu buscava era alguém que, para além de ter essas capacidades, escrevesse sobre este tipo de fenómenos, que os interpretasse e explicasse de forma coerente de modo a que tudo fizesse algum sentido.

Na II parte do livro, escrevi um texto que abordava o *póst-mortem*, segundo a minha intuição e aquilo que já ouvira de conversas banais. Mas nada disso me servia. Precisava de gente credível, de literatura fiável, de relatos reais, de gente aclamada pela opinião pública, onde não pudesse deixar dúvidas. Mas onde os iria encontrar? Na Internet? Em filmes? Há tanta coisa dúbia!

Numa manhã de Fevereiro de dois mil e dez, sai para ir ao Centro Comercial aqui da zona e acabei por passar pela livraria para ver se havia alguma coisa interessante. Qual não foi o meu espanto, quando dei de caras, no corredor central, com um livro de Concetta Bertoldi –

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Como se Vive Depois de Morrer – E outras perguntas que há muito deseja fazer a um médium.

Nem queria acreditar. Agarrei no livro e comecei a ler as letras maiores, completamente eufórica e sôfrega, com o que me acabava de acontecer.

«Alguém me aprontou esta», pensei. Tinha-me sentido quase que arrastada até aquele lugar e agora, já sabia porquê.

A curiosidade que se tem quando temos oportunidade de pegar num livro desta natureza, é quase indescritível, porque não conseguimos compreender como é que alguém sabe o que milhões de pessoas ignoram.

Em quatro dias li, reli e sublinhei o livro. Tanta coisa interessante para saber e compreender, para poder chegar mais perto da minha necessidade e complementar o meu livro que se encontrava numa fase de stand by. Realmente estou no caminho certo, pensei. E se alguém tem de o fazer, então vamos a isso e que Deus e os espíritos me ajudem.

Quando queremos realmente alguma coisa, o universo conspira a nosso favor. É tudo uma questão de tempo.

Logo no início do livro a autora Concetta Bertoldi, uma conceituada médium americana que serve a família real britânica, apresenta-nos

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

o seu colega James Van Praagh, que está a fazer uma pesquisa para encontrar psíquicos “verdadeiros” em todo o mundo. Entende-se por psíquicos, aquelas pessoas que têm capacidades de mediunidade, domínio do paranormal, bastante desenvolvidas.

Segundo esse autor, toda a gente é psíquica em maior ou menor grau, mas nem todas as pessoas podem ser médiuns. Nem todos têm capacidades para atender e ajudar os outros no campo da paranormal.

Deduzi que, nos Estados Unidos como em qualquer parte do mundo e também em Portugal, existe muita gente a governar-se de forma pouco honesta, fazendo-se passar pelo que não é e assumindo capacidades que não tem.

Mais à frente, fico a saber que também existem fundações e associações que investigam a veracidades dos episódios paranormais, de forma imparcial e com métodos.

À medida que mergulhava na leitura, identifiquei muitas coisas que vivencie com a Elizabete, com Leonor e com muitas outras pessoas ou espíritos, que não me pronunciarei.

Com a descoberta da existência destas pessoas e com a leitura dos seus livros, muitas dúvidas se eclipsavam: afinal, outras pessoas que moram a um oceano de distância e de quem nunca ouvi

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

falar, não só percebem o mesmo que eu, como são ainda mais capazes e assertivas, além de terem ao seu dispor toda uma informação e apoio que nunca tive. Conclui que era de todo impossível estar a delirar ou inventar tudo isto que me vinha acontecendo, quer com a Elizabete quer com outros.

Confirmei nas leituras que fiz, que os mortos nos podem tocar através da energia que são, o que se pode assemelhar a pequenos choques eléctricos; podem deslocar ou esconder objectos; podem interferir com a corrente eléctrica, dando a sensação de que está a falhar; podem ligar e desligar aparelhos eléctricos; podem fazer-nos sentir arrepios de frio quando estão juntos de nós, porque a temperatura baixa quando eles estão presentes.

Quantos de nós já fomos «vítimas» destas surpresas? Todos, claro! Só que ignoramos.

Outra informação que eu já supunha saber, mas que ignorava haver mais gente a pensar da mesma forma, embora a história das aparições de Fátima façam relevo a isso: todos os médiuns contactam com os mortos de modo diferente. Alguns limitam-se a ver os mortos, outros apenas os ouvem e outros, ficam apenas com uma impressão geral.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Agora que tinha provado do mel, não ia parar. Próximo autor: James Van Praagh e tudo o que apanhei escrito por ele e traduzido, foi lido e relido.

Concetta Bertoldi, tinha dado a indicação que ele a superava e que estava no top do mais honesto e do melhor que se pode encontrar no mundo. É um médio de renome internacional, com uma história de vida, impressionante. «Há mais poder no conhecimento do que na ignorância» é dele esta frase que tem tudo a ver comigo.

Este livro e esta busca põem à prova o meu medo, quando decido caminhar por águas nunca antes navegadas, em busca duma luz e da verdade. Metermo-nos dentro duma carapaça e não querer saber não é de todo o melhor para o homem e muito menos para mim.

Nunca achei graça às experiências e chamamentos com espíritos, típica brincadeira de miúdos ou gente graúda irresponsável. E por incrível que pareça, Van Praagh pensa do mesmo modo: «os fantasmas podem ser perversos e prejudicar bastante qualquer pessoa inexperiente que por ignorância, se aventure neste mundo inexplorado». Deixo aqui o aviso.

Ao longo de toda sua vida, este homem tem trazido algum conforto aos corações mais despedaçados, mas também a todos aqueles que

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

encaram a morte com horror, como eu. Claro que existe gente que acha tudo isto uma mentira, mas é impossível agradarmos a todos.

«A morte não existe. É simplesmente o fim do corpo físico. Os espíritos estão entre nós, comovendo-nos com o seu amor, guiando-nos através da sua sabedoria e protegendo-nos do mal». Ainda que eu não acreditasse, tudo faria para aceitar e interiorizar esta frase, que é para mim uma bênção.

Van Praagh, afirma que somos na morte o que somos em vida. Creio que faz todo o sentido, pois só o corpo deixou de existir. A essência da pessoa está lá, não desaparece: é energia, é pensamento.

Vejam um exemplo: um casal tem dois filhos, amam-nos, educam-nos e proporcionam-lhe tudo da mesma forma sem favorecimentos. Mas as duas crianças, logo à nascença mostram serem bem diferentes, até mesmo no caso de gémeos verdadeiros.

Com o avançar da idade, as diferenças vão-se acentuando. Porquê? Porque as crianças já trazem uma predisposição que ultrapassa o código genético. Além de serem um ser físico são essencialmente seres espirituais. E o seu espírito tem todo um vasto registo de antecedentes.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Está provado cientificamente que cada criança já trás consigo uma vontade e uma personalidade própria. Muitas vezes, os pais nem se identificam com a personalidade ou o temperamento daquele filho, não reconhecem o resultado expectável da sua obra de criação e educação.

A minha relação com os meus pais biológicos é um retrato fiel disso mesmo. A pessoa em que me tornei pouco tem a ver com a educação e desejos dos meus pais: nem em gostos; nem em personalidade; nem mesmo no meu percurso profissional. Nada em mim, indicia que fui educada por eles, a não ser nos valores como a honestidade e o respeito aos outros.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Recentemente vi um programa televisivo gravado nos Estados Unidos em que se relatavam os fenómenos paranormais com crianças com um sexto sentido muito apurado. Crianças e jovens que têm capacidades que lhes permitem ver e sentir os mortos. Entre muitas outras coisas, falou-se também do medo que esses pais sentem em relação ao juízo que a sociedade faz, devido às capacidades psíquicas dos seus filhos. Neste caso em concreto, foram apresentados e acompanhados dois jovens com idades de quinze e dezassete anos, que colaboraram com equipas de investigação profissional da Universidade de Boston num caso de um jovem desaparecido.

Neste caso, os jovens videntes tiveram contacto com os objectos pessoais do desaparecido e conseguiram decifrar energias que emanavam destes e que lhes permitiu, com o apoio das autoridades policiais, desenvolverem pistas e ajudarem a solucionar um caso que ganhou novos contornos depois das suas intervenções.

Foi incrível testemunhar como é que duas pessoas completamente distintas e sem estarem em contacto uma com a outra, aquando dos interrogatórios responderam de igual forma a acontecimentos que não vivenciaram e que resultaram na visão concreta do sítio do

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

desaparecimento do jovem e que eles não
conheciam.

Nesse programa, os médiuns responsáveis pelo
acompanhamento dos jovens médiuns, disseram
que os espíritos têm capacidade de
influenciarem as nossas emoções e nos criam
ansiedade. Subscrevo.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Em Portugal tivemos uma história com vidente
que ganhou contornos internacionais.

Em mil novecentos e dezassete, três crianças da
freguesia de Fátima no concelho de Leiria,
disseram insistentemente ter visto e falado com
a mãe de Jesus, em cima de uma pequena
azinheira «Uma Senhora mais brilhante que o
sol; a Senhora vestida de Branco.»

Os pequenos pastorinhos de origem humilde
eram Lúcia, Francisco e Jacinta de dez, nove e
sete anos respectivamente. Segundo estes, só
Lúcia, a criança mais velha, era a única que
conseguia falar com Nossa Senhora. As outras
apenas conseguiam vê-la. Aqui neste exemplo,
podemos confirmar à semelhança do que foi
dito anteriormente, que cada pessoa tem uma
capacidade ou dom, diferenciado.

A Senhora apareceu-lhes pela primeira vez a
treze de Maio de mil, novecentos e dezassete e
pediu às crianças que estivessem naquele lugar,
ao meio-dia de cada dia treze dos meses
seguintes até Outubro desse mesmo ano.

Ao longo dessas seis aparições, a mãe de Jesus
revelou alguns segredos relativos a futuros
acontecimentos que ião acontecer no mundo
geopolítico, entre outros.

No Portugal anticlerical da segunda década do
século, este tipo de acontecimentos eram
inadmissíveis; falar de Deus era na altura muito

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

perigoso. Por isso, as crianças foram sujeitas às
mais diversas investigações, ameaças e subornos,
no sentido de não só se saber exactamente o
que cada uma delas escondia, como também era
do interesse de quem mandava, que as mesmas
desmentissem o sucedido.

Mas a mais velha, Lúcia, garantiu que a Senhora
lhe tinha dito que na última aparição, daria uma
prova da veracidade das aparições ao mundo.
Foi então perante uma grande multidão, estima-
se que entre cinquenta mil a cem mil pessoas e,
à mesma hora de sempre, no dia treze de
Outubro, a chuva parou e as nuvens saíram para
dar lugar à maravilhosa dança do Sol, um facto
sobrenatural que foi registado e divulgado por
um Jornal nacional, o Século.

O «milagre do sol» é sem dúvida, um dos
fenómenos mais deslumbrantes e notáveis da
história da humanidade.

Este ano de dois mil e onze no mesmo recinto
de sempre, no dia treze de Maio, em plena
celebração eucarística aniversária das aparições,
presidida pelo arcebispo de Boston cardeal Sean
O'Malley e durante todas a transmissão que
durou o vídeo produzido pelo santuário de
Fátima, numa evocação pública e jubilosa pela
Beatificação do Papa João Paulo II – O papa de
Fátima, que este ano foi proclamado Beato pelo
Vaticano em Roma – o sol foi envolvido por

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

uma aureola, fenómeno que foi desde logo interpretado por todos como mais uma manifestação divina de agradecimento e confirmação, perante milhares de pessoas de todo mundo, jornalista e televisão que registaram o facto de forma perplexa.

Segundo o professor doutor de economia João César das Neves que na sua extraordinária obra, ***O Século de Fátima***, contextualiza os fenómenos Fátima não tanto do ponto de vista da fé, mas mais no sentido da vertente histórica factual e no contexto dos grandes acontecimentos que afectaram o mundo no século XX. Foi essencialmente no seu livro que me baseei para contar muito sucintamente a história e são deste intelectual a reflexão:

«Como é possível que as afirmações de três crianças tenham arrastado multidões, influenciado a igreja e o papa, o mundo e a política? De onde vêm as profecias tão surpreendentemente certeiras e ligadas de forma tão pormenorizada aos grandes mistérios das reviravoltas do século, que confundem quaisquer historiador? Como pode ser que, a partir de uma aldeia perdida no meio da serra, num país minúsculo e numa época em que até as viagens eram horrivelmente difíceis, tenha nascido uma vasta rede de influências que se estendeu de Lisboa a Roma e a Moscovo?»

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

«Pretender que Fátima se tenha baseado em mentiras ou fábulas acaba por ser mais fantasioso do que, simplesmente, admitir que é verdade o que ela afirma acerca de si mesma.»

A história de Fátima está completamente enraizada na cultura portuguesa, de tal forma, que muitos pais, deram o nome de Maria de Fátima às suas filhas em homenagem à mãe de Jesus Cristo.

A minha história não é diferente. Sou o terceiro filho que de um casal que queria muito ter uma menina. A minha mãe trouxe-me ao mundo no dia treze de Maio, pela hora da aparição e o meu pai não lhe deu mais alternativa ao nome: Maria de Fátima por nascer no dia da N.^a. Sr.^a de Fátima a mãe de Jesus.

Cresci sempre com uma profunda e enorme responsabilidade pelo nome que carregava e pelo simbolismo que ele representa para a fé cristã Católica em Portugal e no resto do mundo. Desde que me lembro, a mãe de Jesus, significou durante uma grande parte da minha vida, a minha principal referência como mulher, onde me alicercei para desenvolver o meu crescimento espiritual. Só mais tarde é que a minha consciência se foi alargando e hoje, tenho a certeza, que embora as minhas crenças actuais sejam bem diferentes do que eram há uns anos atrás, a mãe de Jesus, não estará decepcionada

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

comigo. Pois o caminho que tenho dado à minha vida tem a total aprovação do seu amor incondicional como Mãe.

Se Fátima é hoje um nome sagrado para os Católicos, também o é para a religião Muçulmana. *Fâtimah* é a última filha da primeira esposa, Cadija, do profeta do Islão, Maomé, e foi também a única de todos os seus filhos que assegurou a descendência. Foi sempre uma filha zelosa que cuidou do pai até ao último momento. *Fâtimah* foi sempre uma mulher temente a Deus. É o nome feminino mais respeitado pelos irmãos muçulmanos⁴.

⁴ Irmãos muçulmanos: Na igreja Cristã, irmãos são todos aqueles que aceitam Cristo como seu salvador. Para mim, Deus é só um e por isso não só somos todos irmãos como devemos igualmente amar-nos uns aos outros independentemente da crença, da cor, da raça e do estatuto social.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Final de Abril de dois e onzes, recebi como presente de Páscoa da minha aluna Mette-Marit de oito anos: um desenho da nossa aula de ballet. Como era o primeiro que recebia, feito por uma aluna da minha escola, decidi afixa-lo na porta do meu cacifo, na zona dos vestiários. As semanas passaram-se e na primeira aula em que a minha aluna Mary já com doze anos acabados de fazer na semana anterior, chama-me à atenção para um pormenor no desenho. Matte-Marit não só tinha desenhado todas as colegas do ballet, como ainda tinha acrescentado uma nova colega a quem deu o nome de Elizabete e que na legenda escreveu «A Elizabete não existe».

Observei a constatação e nem queria acreditar. As mães que estavam presentes e assistiam à conversa, ficaram tão atónitas quanto eu. Como a Matte não estava naquele dia, não pude esclarecer as minhas dúvidas. Na aula seguinte, chamei não só a mãe da Matte como a própria criança e pedi-lhe, que me explicasse o desenho que tinha feito. Ela disse que estava em casa e lembrou-se de o fazer. Quando lhe perguntei quem era a Elizabete e por que é que ela tinha escrito na legenda que a «Elizabete não existe», ela responde-me que antes do concluir, “deu-lhe” na cabeça de acrescentar mais aquela colega.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Tudo aquilo me fez imensa confusão. Foi quando lhe perguntei se ela conhecia alguma Elizabete. Ela afirmou que não tinha nenhuma amiga, vizinha e nem conhecia ninguém com esse nome. A mãe que estava por perto, também confirmou, que não se lembrava de alguma vez ter ouvido a filha mencionar esse nome no rol das suas amizades.

A Matte-Marit entrou para o ballet no Sport Lisboa e Benfica com dois anos e meio, dois meses antes da Elizabete falecer e ela não sabia da existência da Elisabete e nem da concepção do livro. A Mary também foi aluna do Benfica e é curioso, que ela só tenha feito o reparo do desenho, depois de ter completado a mesma idade com a que a Elizabete morreu.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Cinco de Dezembro de dois mil e onze, eram cerca de onze horas da noite, depois de mais um dia de trabalho e de todo o ritual que procede ao mesmo, reconfortei-me no meu sofá para voltar a pegar no livro que tinha começado a ler nesse fim-de-semana. Adoro ler e no Natal passado, o meu irmão mais velho, tinha-me oferecido o livro de Nora Roberts, *Inocência Perdida*. Desvalorizei o livro em relação a outros que me pareceram mais apelativos. Mas agora ia fazer um ano que o livro estava na minha estante e eu nem me havia disponibilizado para lhe pegar atentamente. Quando o fiz nesses dias, já não o larguei: realmente a escritora consegue agarrar o leitor logo nas primeiras páginas. Assim sendo nessa segunda-feira, o meu espírito estava ávido do livro. Mas pouco depois de me ter sentado e de a gata se ter refastelado no meu colo por cima da manta, o cadeirão de verga que estava à minha direita na sala, começou a ranger de uma forma perturbante. A gata levantou de imediato a cabeça e sentou-se no meu colo a olhar fixamente para o cadeirão. É sempre inquietante quando percebo que o animal confirma os mesmos barulhos que eu: ou melhor que os barulhos não são imaginação da minha mente ou do meu ouvido. Perguntei-lhe o que ela via, mas esta nem tirava os olhos da direcção do cadeirão à medida que o ranger das vergas se

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

ouvira cada vez mais alto. Claro que fiquei com medo, não sou diferente dos demais. Lidar com isto, tira-me do sério e atordoar-me. A minha primeira reacção foi mandar embora quem ali estivesse, em nome de Jesus Cristo. Mas fi-lo de uma forma tão indelicada e dura que depois me arrependi. Achei mais uma vez que o intruso, não tivera respeito pela minha vontade, mas depois caiu em mim e pensei que talvez fosse alguém que eu havia conhecido e que apenas quisesse estar ali. Tive pena, desculpei-me e pedi que para da próxima vez tivesse mais cuidado para não me assustar. Momentos depois, dei por mim a pensar no ridículo da situação aos olhos dos incrédulos. O barulho contínuo pela noite dentro até às três da manhã, a hora a que me fui deitar.

No dia seguinte, aproximadamente à mesma hora, volto a sentar-me no sofá, a gata salta para o meu colo, pego no livro, mergulho na leitura e começam as vergas do cadeirão a ranger. A gata levanta a cabeça olha para o cadeirão, mas já não se surpreende. O medo nessa noite não teve lugar. Olhei para o cadeirão e esbocei um sorriso terno para quem lá estivesse. Quem quer que fosse, nunca vi, pois ainda não tenho essa capacidade e confesso-vos que tenho medo de a ter. Ainda tentei ter um diálogo comigo mesma na tentativa de adivinhar quem estava por ali.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Mas como não ia chegar a conclusão nenhuma e nem estava interessada, mergulhei novamente no livro até às três da manhã. Os barulhos foram-se suavizando à medida que a noite ia avançando.

Na manhã do dia seguinte quarta-feira, fui fazer o teste ao cadeirão. Sentei-me nele e testei que movimentos seriam precisos fazer para que este emitisse ruído. Conclui que só uma pessoa muito pesada o conseguia. Os meu cinquenta e cinco kilos não foram suficiente para o fazer ranger. Também conclui, que para uma pessoa leve o fazer chiar, teria de estar sempre a mexer-se para à frente e para trás ou para os lados, como as crianças gostam tanto de fazer, quando estão irrequietas ou para chamar à atenção. E foi a partir daqui, que as coisas passaram a fazer algum sentido, pelo menos para mim.

Nessa mesma manhã, falei com uma amiga e contei-lhe o sucedido. Pedi-lhe que tivesse coragem para ir a minha casa nessa noite, apenas para confirmar o barulho, mas percebi que ela não estava à vontade e quando chegou a noite, não apareceu. Também tinha levantado a hipótese de filmar o cadeirão durante as horas em que eu estivesse a ler, para ter a confirmação do barulho na filmagem. Só que nessa noite, não aconteceu nada e nem na outra seguinte. Pensei que quem quer que fosse, tivesse resolvido ir

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

embora e não me preocupei mais. Mas o meu pensamento estava mais inclinado para Elizabete, que este ano, faria seis anos após a sua morte e a data batia com o mesmo dia da semana: ela morrera a nove de Dezembro numa sexta-feira e este ano, o aniversário da sua morte, era numa sexta-feira.

Por uma questão de opção, ainda vivo sozinha na minha casa, onde tenho uma gatinha que mimo como se fosse uma filha. Acho que é um problema geral: as pessoas que vivem sós, têm tendência para projectar nos seus animais de estimação, toda a sua afeição como se fossem pessoas. Sinto pela Kika um amor incondicional e como tal, compro-lhe tudo o que há não só para animais como para crianças. Quando encontro um brinquedo que acho que a pode estimular, compro-lho, nem que seja electrónico. E é muito engraçado constatar como ela reage bastante bem. A minha madrinha, diz que eu não deixo a gata ser um felino, porque está demasiado humanizada. Bom mas ela é feliz assim. Podem acreditar que se a musica não lhe for do seu agrado e estiver muito alta, ela vem pedir-me para baixar o volume. É inacreditável! Se me ligarem para o telefone de casa ela, desliga-o. Deita a baixo o auscultador e depois pega nele com as duas patinhas e carrega nos botões até o equipamento se calar. Mas

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

vamos ao essencial: A kika tem como seus brinquedos uns hamsters electrónicos, que para andarem e emitirem barulhos, tem de se carregar no botão que está no dorso do brinquedo. De outra forma ele não anda. É um brinquedo muito querido para as meninas até à idade de doze anos. E muitas delas fazem questão de o terem e até há quem faça colecção.

Manhã de dia nove de Dezembro de dois mil e onze, assim que acordei disparou o barulho do hamster da kika na cozinha. Ainda pensei que tivesse sido ela, mas a gata estava deitada em cima da minha cama, ao fundo dos meus pés e assim que deu pelo barulho na cozinha, saiu disparada para ver o que se passava. Tanto eu como a gata sabíamos que era o hamster electrónico, pois o seu barulho é inconfundível. Mas quem o terás posto a trabalhar se não estava mais ninguém na minha casa? Para mim foi a mesma pessoa o mesmo espírito que se sentou no cadeirão de verga naquele início de semana e que hoje me fazia lembrar a hora da sua partida e também o levantamento dos seus restos mortais, como mais tarde tive a confirmação da parte da avó. Depois disso, ela nunca mais deu sinais. Que faço eu com esta informação, guardo-a só para mim? Não me parece justo.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Todas estas pequenas histórias e outras ditaram em mim, que cada vez faz mais sentido que «O tempo que passamos na terra é um tempo de aprendizagem. Do ponto de vista espiritual, a única coisa que é esperada por nós é que nos amemos uns aos outros de forma a valorizarmos enquanto seres espirituais que somos. Estamos aqui para fazer o melhor que pudemos e tratar os outros com compaixão e bondade. O domínio humano é uma excelente escola, onde as nossas almas podem aprender a crescer. Se conseguirmos isso, a nossa transição para o outro mundo, poderá ser fácil e jubilosa», como defende Van Praagh.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Recordo-me também de ter visto um programa na televisão, que falava acerca do pai de Anne Frank e da forma como esse homem se deu à causa, para tornar inesquecível a vida da sua filha. Anne é, nos dias de hoje, o primeiro rosto do povo judeu, vítima do holocausto. A sua vida foi breve, mas aquilo que conseguiu, através da escrita dum diário, foi tão poderoso que continua a ressoar nos dias de hoje. Enquanto via o programa, identifiquei-me de alguma forma com aquela personagem: também eu gostaria de imortalizar a vida de Elizabete e o que ela representa: todos os filhos que partiram e deixaram os seus pais agarrados à vida num manto de sofrimentos.

Através deste pequeno livro, muitas vidas serão salvas e muitos pais poderão recordar que, graças à fatalidade de uma criança de doze anos que morreu vítima de cancro, o seu filho ou filha poderá crescer com tudo aquilo a que Elizabete ficou privada. Nada acontece por acaso e a vida de Elizabete tem uma mensagem para o mundo, que este não pode recusar: Será a morte o fim de tudo?

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

AGRADECIMENTOS

Agradecer alguma coisa ou a alguém é a melhor forma de se atrair mais do mesmo. É um dos gestos mais nobres que o homem realiza na sua vida. Também é uma das melhores energias que podemos emanar para o universo, pelo dom da vida que recebemos.

O agradecimento é definitivamente a prova de que afinal não estamos sós, mas que precisamos todos uns dos outros e que as nossas vidas se cruzam e se influenciam umas às outras como ímanes.

Assim sendo, aqui deixo os meus agradecimentos a todas as pessoas que de uma forma ou de outra se cruzaram na minha vida: umas marcaram o encontro pela positiva e outras com dor e ingratidão. Mas reconheço hoje, que todas foram importantes para a pessoa em que me tornei. Que Deus as abençoe.

Aos meus pais Isabel Veloso e Amadeu Veloso, o meu agradecimento pelo dom da vida e por me terem transmitido os valores que tenho. Obrigada pelo esforço e pelo amor que sempre me deram.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

Olinda Agulhas, minha segunda mãe, que sempre me deu colo e carinho quando era necessário. Que me obrigou a estudar, quando não queria, que me falava as verdades que não quero ouvir, que me leva flores e doces nos meus espectáculos. A tua paciência, doçura e força moral deram-me coragem para continuar e tornar-me na mulher que hoje sou.

Enfermeira Belmira Romão, obrigada por ser um bom exemplo para mim: é a mulher mais generosa que alguma vez vi; a santa protectora dos animais e dos doentes. Se houver céu, já ganhou o seu lugar. Obrigada do fundo do meu coração, por acreditar em mim e pelo apoio incansável que me dá quando mais preciso.

Dr. António Vieira Sanches, a amizade não se mede pelo tempo mas sim pela intensidade e pelos gestos de afecto que demonstramos aos amigos. Obrigada pelas palavras de incentivo e ajuda na concretização da minha escola de dança e pelo apoio no lançamento deste livro.

Dr. António Sabino do Carmo, um homem bondoso que sempre esteve disponível para me atender, ouvir e incentivar. Se não escolhermos a família onde nascemos, os amigos são definitivamente a família que escolhemos em

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo conosco...»

vida. Tem sido um verdadeiro padrinho. Obrigado pela sua amizade, lealdade e bondade. Margarida Pedrosa, Obrigada pela amizade, pela preocupação que tens comigo. As mulheres não se medem pela altura, nem pelo dinheiro, medem-se pela grandeza do coração e tu és grande.

Alessiane Pales e Paulo Almeida, o amor é o melhor mote para se viver. Vocês são na minha vida a prova disso mesmo. Obrigada por tudo o que fizeram por mim. Amo-vos com todo o meu coração e com todo o meu espírito.

Giovanni e Roberta – Se o mundo do futebol ou do desporto vos tivesse como líderes, creio firmemente que todas as pessoas iriam querer viver nesse meio. Esse dom para evangelizar tudo e todos é qualquer coisa de maravilhoso. Que Deus vos continue a dar sabedoria, para elevarem o Seu nome ao âmago de todas as nossas emoções. Vocês e os vossos filhos são sangue do meu sangue e carne da minha carne.

Diana – Não consigo sequer imaginar a dor porque tem passado nestes últimos anos. Mesmo assim, teve força suficiente para ouvir tudo o quanto me ia acontecendo. Obrigada, pela grande mulher, esposa, mãe, avó e

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

conselheira que é. A sua sabedoria e bom senso é de tal forma um bom exemplo, que daria outro livro. Que Deus e a Elisabete lhe dêem a coragem suficiente, para enfrentar cada dia como um legado novo de esperança.

E ainda a Deus, a Jesus, à N^a. Sr.^a de Fátima, à Elisabete e a todos os espíritos amigos que me têm ajudado e acompanhado ao longo da vida, com paciência e amor incondicional. Eu também vos amo. Obrigada

Tânia Azevedo – É incrível como umas vidas nos levam a outras. É surpreendente constatar que nada acontece por acaso. E é pena que no meio da aflição, muitas vezes não tenhamos o discernimento para ver mais além. A perda recente da tua mãe, e a tristeza que passaste sensibilizou-me e aproximou-me mais de ti. Como resultado deite o meu livro para ler, com o qual te identificas-te. Depois abraças-te o projecto da publicação do livro na internet, como se fosse teu. Espero sinceramente contar contigo para o pós publicação; creio que não vamos ter mãos a medir e sozinha, por muitos dons que Deus me tenha dado, não darei conta do assunto. Que Deus te dê na medida do teu coração.

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

BIBLIOGRAFIA

Bertoldi, Concetta, Como se Vive Depois de Morrer, Estrela Polar, 2009

Byrne, Rhonda, The Secret, o Segredo, Lua de Papel, 2007

Capuchinhos, Missionários, Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, 1976

Lesser, Elizabeth, Renascer das Cinzas, Livros D'Hoje, 2009 (Dom Quixote)

Ganghi, Mohandas K., A minha vida e as minhas experiências com a verdade, Editorial Bizâncio, 2006

Lama, Dalai, Conselhos do Coração, Edições ASA, 2005

Neves, João César, O Século de Fátima, Lucerna, Príncípia Editora, Lda., 2008

Praagh, James Van, Em Busca da Espiritualidade, Editorial Presença, 2001

«É surpreendente! O amor que sentimos, levamo-lo
connosco...»

Praagh, James Van, Eles Estão Entre Nós,
Pergaminho, 2008

Praagh James Van, Conversas com o Além,
Editorial Presença, 2007

Pennsylvania, Watch Tower Bible And tract
Society, O Maior Homem Que Já Viveu, Edição
Brasileira, 1991

Trevisan, Lauro, Conhece-te e Conhecerás o
Teu Poder, Pergaminho, 2002

Stornio, Ivo; Balancgin, Euclides; Paro, José,
Bíblia Pastoral, Ediclube, 1996

Walsch, Neale Donald, Mais Feliz que Deus,
Sinais de Fogo, 2008